



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES - IEFES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LUCAS GABRIEL DE SOUSA LAURINDO

**O IMPACTO DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS-CORPORAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

**FORTALEZA
2023**

LUCAS GABRIEL DE SOUSA LAURINDO

O IMPACTO DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS-CORPORAIS NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Monografia de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física do Instituto de Educação
Física e Esportes da Universidade Federal do
Ceará como requisito para obtenção do título
de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Professora Doutora Tatiana
Passos Zylberberg.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L418i Laurindo, Lucas Gabriel de Sousa.
O impacto de experiências sensíveis-corporais na formação de professores(as) de educação física / Lucas Gabriel de Sousa Laurindo. – 2023.
99 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg.

1. Corpo. 2. Sensível. 3. Educação Física. 4. Experiência. I. Título.

CDD 790

FICHA DE APROVAÇÃO

LUCAS GABRIEL DE SOUSA LAURINDO

**O IMPACTO DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS-CORPORAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

APROVADO, em: ____ / ____ / _____

Profª. Dra. Tatiana Passos Zylberberg - Orientadora
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Prof. Dr. Marcos Antônio de Almeida Campos
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Profª. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Fortaleza - CE
2023

Dedicatória.

Primeiramente a Deus por, mesmo nos momentos onde eu achei que não conseguiria, ter escutado as minhas orações.

De coração aberto, à minha orientadora Tatiana Zylberberg por ter aceitado meu convite em embarcar nesse trabalho, me orientando em cada momento e por ter acreditado que eu iria conseguir.

A minha mãe Kellyanna Ruth (*in memoriam*) que sempre fez o possível para que eu chegasse onde estou, pudesse estudar e por todo apoio que ela me deu durante os dezesseis anos que pudemos estar juntos.

A minha avó Eneida e meu irmão que sempre escutaram as histórias da minha graduação e, mesmo nos momentos mais difíceis, estiveram me dando apoio, me ouvindo e me fazendo rir. A minha avó Fátima e tia Vera que mesmo de longe acompanharam cada passo dessa trajetória.

Aos meus amigos da Faculdade pela paciência, apoio durante todo o projeto desse trabalho.

A todos os corpos no mundo, para que possam sentir-agir-viver sem medo de se expressar.

Aos Sujeitos-Cores que aceitaram participar desse trabalho, partilhando suas histórias, visões de corpo e reflexões. Sem vocês esse TCC jamais teria nascido. Dedico-lhes este trabalho e agradeço imensamente por terem (com)partilhado comigo esta jornada.

Agradecimentos.

Escrever os agradecimentos desse trabalho é, sem dúvidas, a parte mais emotiva de todo esse processo onde, sem dúvidas, eu estarei chorando quando acabar.

Eu agradeço à minha orientadora, professora Tatiana Zylberberg, por não apenas ter me orientado no percurso desse trabalho, mas também por cada oportunidade conferida ao longo desse tempo, pela oportunidade e honra de ser seu Bolsista no projeto DE CORPOS NO MUNDO e na Monitoria PID, pela confiança no meu trabalho e por sempre acreditar no meu potencial. Guardo no coração com um imenso carinho as palavras que a senhora me disse quando aceitou o convite para ser minha orientadora (e prometo deixar a timidez de lado cada vez mais). Agradeço cada afeto, cada conselho, cada palavra e cada força, isso me permitiu florescer como professor e como pessoa.

Agradeço aos meus amigos de escola, minha Panelinha, Andreza, Larissa, Layza e Eric, por estarem ao meu lado desde a escola e para a vida toda, por todo o apoio, força, risadas e momentos que partilhamos ao longo dessa caminhada. Mesmo que nenhum deles esperasse que eu entrasse na Educação Física, todos me apoiaram imensamente, felizes por cada conquista. Mesmo de longe, vocês acompanharam cada momento, cada “surto”, cada história vivida ao longo desses anos. Eu amo vocês e os levarei para a vida toda.

A Tamires e Bianca, duas pessoas que me acompanham desde a escola até a Faculdade, sempre me motivando e me apoiando. A Tamires, que os anos de amizade já não cabem mais nos dedos das mãos, por ter partilhado dessa história comigo, por termos rido ao conversarmos sobre a Faculdade mesmo quando a situação não poderia ser mais desesperadora, esses momentos leves fizeram toda a diferença, eu sou eternamente grato pela sua amizade e companhia da escola para a Universidade e da Universidade para a vida. A Bianca, que me acompanha desde o fim do Ensino Médio, obrigado por cada momento em que não conseguíamos parar de rir, pelas memórias que cultivamos e histórias divertidas que compartilhamos.

As minhas amigas Kemilly e Elisa, que mesmo nós nunca tendo nos encontrado pessoalmente conseguimos construir esse laço de amizade incrível que já dura anos e seguirá pela vida inteira. Nem mesmo a distância consegue impedir as risadas, boas memórias e todo o apoio que vocês me deram em cada momento da graduação. Eu amo vocês.

Vocês são a família que a vida me deu. Obrigado por estarem comigo desde a escola até a Faculdade. Eu amo vocês.

Agradeço aos amigos que eu fiz durante a graduação, os irmãos de vida e profissão que a vida me deu. Cada Semestre só foi o que foi por causa de vocês, cada desafio se tornou mais leve porque vocês estavam lá e cada momento de felicidade se tornou ainda maior com vocês. Não sei como teria sido minha graduação sem vocês por perto e, sinceramente, eu não quero nem descobrir. Dedico esse trabalho a vocês e os agradeço por cada momento no R.U. conversando e rindo ao ponto da barriga doer, por cada corrida para pegar o 020 e cada história que vamos ter para contar quando esse Curso acabar. A Ariellen, por cada loucura e aventura que passamos nessa UFC diariamente e as risadas dadas mesmo quando a situação era delicada; a Agatha, por cada risada, cada conversa e cada história que atravessamos juntos, os dias com certeza eram os melhores com a sua presença; a Mayara, pelos momentos que passamos juntos e mesmo que já não tenhamos tanta proximidade, te levarei eternamente em meu coração; a Sarah, pelas conversas, sorrisos, cada apelido e cada apelido. A Mikaely, por cada caminhada até o IEFES, cada história partilhada, pela proximidade que criamos e pelas risadas que ecoavam por onde passávamos. A Paula, pela sua amizade, pela sua companhia, pelas histórias que dividimos, pelos momentos que partilhamos, pelo suporte dado dentro e fora da Faculdade. A Rayssa, por ter me aguentando esse tempo todo, por cada trabalho que vencemos juntos, pela sua amizade e pelo seu apoio. Cada momento com vocês foi único, extremamente especial, fizeram a diferença e, sem dúvidas, esses anos não teriam sido nada divertidos da forma como foi. Vocês são o grande presente que a Faculdade me trouxe e levarei vocês no coração.

As minhas amigas Laiza, Rebeca, Duda e Ivna, pelos momentos vividos e partilhados no IEFES. As risadas que demos enquanto contávamos histórias de estágios ou que aconteciam na rotina até a Faculdade, as vezes que pedíamos a Duda para olhar a hora do Intercampi e todos os outros bons momentos que eu levo no coração e na memória. A amizade de vocês foi uma das melhores surpresas que o Curso trouxe.

Agradeço também aos amigos que fiz mesmo na reta final do curso, vocês tornaram esse último ano de Universidade muito mais especial. A Nicole Anne, Eulice, Ana Chaves, Bruno Sales e Luize Anne. Mesmo na reta final, vocês se tornaram pessoas especiais para mim e agradeço pelas risadas e conversas.

Ao meu xará Lucas Gabriel que foi a primeira pessoa do Curso com quem eu fiz amizade e estive sempre ao meu lado em todos os momentos, cada história, cada conversa, cada risada.

Agradeço, sem dúvida, a Alexandra Lima, a Alê, minha veterana e amiga que eu guardo no coração para a vida inteira. Muito obrigado por ter estado ao meu lado em cada

momento, me ajudado em cada passo dessa caminhada, me dado corda para seguir adiante com a ideia desse trabalho e por cada conversa, risada, história e momento que partilhamos.

A Ranielle, Francisco, Daniel de Moraes e Lucas Brito. Pessoas especiais que, à sua própria maneira, deixaram a graduação mais leve, mais divertida e mais especial.

A cada um de vocês, meu mais sincero agradecimento e dedicação. Vocês são a família que a Educação Física me deu.

A minha avó Eneida, minha tia Nívea, meu irmão João e meu priminho Rafael por mesmo nos momentos mais corridos da minha vida vocês terem estado lá para, de alguma forma, ter deixado tudo mais leve. A minha avó, por sempre me apoiar, se orgulhar de cada conquista e me incentivar, a senhora comemorou comigo cada passo dado, cada ajuda quando eu te perguntava de algo sobre as futuras Cadeiras que eu iria cursar, você é incrível e eu fico feliz por ter você ao meu lado. A minha tia, por ter me apoiado nessa caminhada; ao meu irmão, que mesmo nos dias que eu estava insuportável continuou do meu lado, me fazendo rir e me fazendo esquecer o cansaço; e ao meu priminho, que mesmo sem entender como funciona a Faculdade me fazia rir, brincando comigo e sendo meu grude o tempo todo.

A minha avó Fátima, minha tia Vera e meus tios Gilson e Glauber por toda a fé, apoio e suporte que me deram ao longo dos anos e por terem acreditado em mim sempre, mesmo que de longe. A minha avó Fátima, pela ajuda em todas as coisas, a senhora moveria o mundo por mim; a minha tia Vera, pelas conversas e risadas sobre a Faculdade nas quais a senhora sempre disse que era assim mesmo e que eu daria conta.

Acima de tudo, agradeço mais uma vez a minha mãe (*in memoriam*) que nunca desistiu de mim. Por mais que a senhora não esteja mais aqui, espero que consiga ver onde eu já cheguei e até onde eu irei. Prometo que esse não é o fim, é apenas o começo de algo novo. Mãe, olhe para mim agora, entregando o TCC que um dia eu já disse ter tanto medo. Eu espero que a senhora esteja orgulhosa!

Por fim, agradeço também a mim por ter encontrado força e esperança de seguir em frente e não desistir. Esse é só o começo, ainda tenho muito a percorrer e não irei parar.

“Seja você mesmo, seja fiel a quem você é. Para alcançar as estrelas basta acreditar em si mesmo”

- Avril Lavigne.

RESUMO

O corpo é um dos elementos de estudo da Educação Física. As experiências sensíveis-corporais são colocadas neste trabalho como experiências e vivências que promovem a compreensão do corpo para um espectro além do biológico e enxergar-sentir o corpo de uma forma sensível. Dessa forma, o presente estudo traz a temática do impacto das experiências sensíveis-corporais na formação inicial de professores(as) de Educação Física como justificativa de que é preciso abordar visões sobre o corpo além do biológico. O referencial teórico deste trabalho está dividido em três capítulos que abordam, respectivamente, as visões ocidentais e filosóficas de corpo, o corpo para a Educação Física no Brasil e a importância do corpo sensível para a atuação da Educação Física. Portanto, para desvelar esta temática, trago como objetivo geral identificar e analisar o impacto destas experiências na formação inicial e como objetivo específico defender a importância da existência das mesmas dentro do curso de Educação Física. Para tanto, o estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso caracteriza-se por sua natureza qualitativa e sua abordagem fenomenológica. O público-alvo da pesquisa foram os estudantes de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará que ingressaram a partir do semestre 2019.1. Adotou-se como critério de inclusão ter cursado a Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física no Instituto de Educação Física e Esportes. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas no formato de áudio. Em seguida, seguiu-se os momentos da análise fenomenológica da descrição, redução e compreensão. Estes momentos levaram à análise ideográfica e nomotética que desvelaram as experiências sensíveis-corporais vivenciadas, as visões de corpo antes e após ela, os impactos que tiveram na formação inicial e a importância destas na formação inicial. Esses impactos apareceram na forma como os(as) estudantes enxergavam o corpo e a sua atuação como professor. Dessa maneira, concluo que é imprescindível que haja na formação inicial de professores(as) de Educação Física experiências sensíveis de corpo que ampliem suas visões sobre o corpo para que eles não perpetuem padrões mecânicos e biológicos de corpo, rompendo com esses paradigmas.

Palavras-chaves: Corpo; Sensível; Educação Física; Experiência.

Lista de Quadros e Tabelas.

Quadro 1: Relação Sujeito-Pseudônimo-Semestre.....	34
Quadro 2: Unidades de Significados.....	38
Quadro 3: Categorias desveladas nas Unidades de Significados.....	63
Quadro 4: Matriz Nomotética dos princípios dos Sujeitos-Cores.....	71

Sumário.

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. OBJETIVOS.....	12
2.1. OBJETIVO GERAL.....	12
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1. AS VISÕES OCIDENTAIS E FILOSÓFICAS DE CORPO.....	13
3.2. O CORPO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	20
3.3. A IMPORTÂNCIA DO CORPO SENSÍVEL PARA A ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	22
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	27
4.1. APLICAÇÃO DA ENTREVISTA.....	32
4.2. ANÁLISE DO FENÔMENO.....	35
4.2.1. ANÁLISE IDEOGRÁFICA.....	65
4.2.2. ANÁLISE NOMOTÉTICA.....	70
5. CAMINHOS PARA CONCLUSÃO.....	75
6. ALINHAMENTOS FINAIS.....	85
7. REFERÊNCIAS.....	88
8. APÊNDICES.....	94

1. INTRODUÇÃO

Nossa natureza é corpórea, nosso corpo sente, expressa, age, pensa, revela. Historicamente, o corpo foi compreendido por muitas perspectivas, ora como o templo para a alma, ora como máquina. Essa visão de corpo-máquina fez o corpo ser pensado e condicionado para se tornar mais limpo, mais produtivo, moralmente eficaz (Junior, Soares e Terra, 2015).

A Educação Física foi impactada por essas formas de compreender o corpo, assumindo diferentes posturas ao longo do tempo que, por infortúnio, levou os corpos a serem tratados como objetos treinados por exercícios repetitivos e exaustivos inclusive em aulas de Educação Física escolar, as quais ignoravam o sensível-corporal. No Brasil, a partir dos anos 1990 o corpo passou a ser investigado e abordado com novos olhares e técnicas. Visto isso, é impossível ignorar os reducionismos da visão do corpo restrita unicamente à dimensão biológica e técnica. A Educação Física, em especial, precisa estar de olhos bem abertos para a “corporeidade”¹.

Mesmo que desde os anos de 1990, os debates e reflexões acerca da Educação Física buscaram construir e manter esse olhar mais sensível para o corpo, com base na Cultura Corporal do Movimento², ainda enfrenta-se desafios enraizados pela formação centrada no corpo biológico, docilizado e condicionado.

É preciso que o corpo seja visto para dentro. Como ressalta Figueiredo (2009, p. 21) nós “esquecemos ou fomos levados a esquecer que somos corpo, de que nossas comunicações cotidianas ocorrem através dele e com ele. Mas é fundamental que se pense na questão do corpo na educação”.

Um olhar sensível permitirá que o professor de Educação Física possa entender os corpos de seus estudantes, suas particularidades, potencialidades e assim consiga criar uma Educação Física que abrace todos os corpos, acolhendo-os, dando o espaço para que possam se expressar, sentir e viver a sua corporeidade.

Dito isso, esse Trabalho de Conclusão de Curso nasceu da necessidade de abordar o olhar sensível para o corpo na formação inicial dos estudantes do Curso de Educação Física -

¹ O termo corporeidade usado aqui é definido por Merleau-Ponty como a relação interpessoal entre um corpo para com outro corpo e de um mesmo corpo com o meio em que vive, tendo um significado sensível que não pode ser reduzido à natureza humana.

² O termo Cultura Corporal foi proposto primeiramente pelo Coletivo de Autores em 1992 enquanto o termo Cultura do Movimento foi levantado por Elenor Kunz (1991 e 1994). Já o termo Cultura Corporal do Movimento como conhecemos hoje foi proposto por Valter Bracht (1992 e 1999) e Mauro Betti (1996).

Licenciatura para defender que tenham experiências sensíveis-corporais as quais permitam ampliar a visão de corpo e potencializar novas possibilidades de compreender o corpo para além da dimensão biológica.

A vontade de trabalhar e pesquisar sobre esse tema surgiu da reflexão do percurso que eu mesmo vivi na minha graduação, da identificação das experiências que me marcaram de forma tão forte desde o primeiro semestre da Faculdade, que fizeram o meu olhar se voltar a compreensão sensível do corpo. Nesta introdução, de forma breve, cito as experiências mais marcantes em minha formação inicial, as quais foram responsáveis por ampliar o meu olhar e concepção de corpo, transformando completamente o meu entendimento sobre essa temática e a minha prática como futuro professor.

Logo que entrei no Curso, em fevereiro de 2020, passei pela Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física³ e foi então que eu comecei a enxergar o corpo de outras formas além da biológica, principalmente a partir da segunda aula, quando fui visitar a exposição DE CORPOS NO MUNDO, um projeto de extensão que consiste em uma visita com os olhos vendados à uma exposição com obras que provocam reflexões sobre a vida humana, sobre o corpo e sua relação com o corpo do outro e com o mundo, convidando o visitante a enxergar o corpo, o outro e o mundo com todos os sentidos. A importância do olhar sensível na minha vida acadêmica e profissional se mostrou claro — é até divertido pensar que para enxergar isso, eu precisei fechar os meus olhos!

Era o início do ano de 2020, começou a quarentena devido ao Covid-19. A disciplina passou para o formato remoto, e foi então que a professora criou a vivência do PAS-CHALLENGE e pude imergir ainda mais no sentir o corpo. Como reforçava a professora, num contexto de calamidade mundial, ela não podia no oferecer paz com Z, então ofereceu “pas” com S: Percurso de Aprendizagem Sensível no qual organizou uma lista de 11 ações que deveríamos realizar em casa, sendo elas: parar, respirar, mover, meditar, escutar e cantar junto, dançar, escutar, localizar-se: espaço e tempo, pesquisar, ampliar, viver. Essas vivências permitiram que eu pudesse ressignificar a minha relação com o meu próprio corpo, perceber como certas vivências e experiências me afetaram e olhar para o corpo de uma forma mais sensível e, até mesmo, profunda. Olhando para esse Percurso de Aprendizagem Sensível eu vejo o quanto esse processo foi importante para a minha formação por, mesmo

³ A Disciplina FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA é cursada no Primeiro Semestre e apresenta aos alunos as diferentes visões do corpo pelos filósofos ao longo do tempo e como elas continuam marcando a Educação Física até os dias atuais.

em um contexto adverso, ter conseguido parar, respirar e realizar experiências sensíveis de corpo no espaço do meu quarto que eu não fazia ideia de que seria possível.

A quarentena se estendeu e o semestre foi inteiramente virtual. Foi neste ciclo que também conheci as ações do livro “O MENINO QUE DESENHAVA O INVISÍVEL”⁴; a partir da minha inscrição na oficina de Criação Compartilhada, ofertada pela mesma professora. Dessa oficina, surgiu a produção ÉRAMOS INVISÍVEIS⁵. As Oficinas de Criação Compartilhada aconteceram em encontros virtuais semanais nos quais a partir de conversas, dinâmicas, linguagens, emergiam produções. Nos primeiros encontros conversamos, cantamos, partilhamos um pouco de nós mesmos e chegamos nas invisibilidades que nos atravessaram e, a partir disso, cada um trouxe uma produção que expressasse a invisibilidade identificada, resultando em desenhos, textos, imagens ou relatos. Todas essas produções acabaram tomando proporções muito maiores do que esperávamos e decidimos levar isso adiante, transformando em uma série de vídeos chamadas BOTÕES - ÉRAMOS INVISÍVEIS, na qual costuramos o que nos tornava invisíveis, partilhando e levantando reflexões sobre as invisibilidades que atravessam o corpo, muitas vezes ligadas ao ambiente escolar, aos preconceitos e questões raciais.

Em 2021, ainda no modo remoto devido a pandemia, me tornei bolsista do projeto de extensão DE CORPOS NO MUNDO sob a orientação da mesma professora. Como não podíamos ter contato presencial, dediquei-me a produção de conteúdos para o Instagram do projeto @decorposnomundo e isso levou-me a leituras mais profundas sobre o corpo, colocando-me diante de questionamentos e reflexões sobre como enxergamos o sensível-corpóreo dentro da Educação Física, somando em mim aprendizados que despertaram cada vez mais a vontade de tratar desse assunto tão importante.

Em 2022, segui como bolsista e, enfim, pude acompanhar visitas presenciais no projeto da exposição no escuro. Tendo mais contato com as questões sensíveis-corporais em cada visita que acontecia, vendo de perto a importância de proporcionar esses momentos pelas reflexões, inquietações e relatos que surgiam ao final de cada uma delas. Todas essas experiências me marcaram e marcaram o meu olhar para o corpo, fazendo-me olhar para as individualidades e potencialidades de cada um e de cada corpo. A ampliação de olhar para o

⁴ O MENINO QUE DESENHAVA O INVISÍVEL é um livro lançado em 2019, de autoria da Tatiana Zylberberg, com ilustrações de Wagner Sales que buscar fazer o leitor lançar olhares para as diversas invisibilidades que acontecem ao nosso redor: representatividade racial, abandono parental, bullying, emoções e estados mentais adoecidos. LINK: <<https://www.instagram.com/omeninoquedesenhavaoinvisivel/>>

⁵ ÉRAMOS INVISÍVEIS - LINK: <<https://youtube.com/playlist?list=PL5CW2ctukg67WUBT1pLmbZAttwwc9Hx9m>>

corpo foi significativa ao me fazer enxergar a pluralidade de elementos corporais que existem. Antes de todas essas experiências formativas, a minha visão de corpo era muito abstrata. Eu não sabia ao certo como enxergar o corpo além do biológico, tinha uma noção de que não era apenas um conjunto de ossos, músculos e órgãos, entretanto não sabia definir com clareza o espectro sensível do corpo.

Dentre os principais elementos que mudaram a minha forma de enxergar o corpo está, acima de tudo, a percepção de que cada pessoa tem suas características, mesmo que biologicamente sejam iguais. Abri o meu olhar para perceber que o corpo é sentido, afeto e plural. Compreendi que os afetos que atravessam o corpo são particulares, uma mesma experiência afeta de formas tão singulares os corpos de cada pessoa. Esta nova perspectiva foi de extrema importância para a minha formação como professor de Educação Física porque direcionará um cuidado com o corpo dos meus estudantes. Foi por meio dessas experiências que eu pude me tornar o professor que busca olhar para o corpo com todos os sentidos e potencialidades.

Partindo desse ponto, esse trabalho buscou investigar e desvelar o impacto de experiências sensíveis-corporais⁶ na formação inicial dos estudantes de Licenciatura em Educação Física. O público-alvo deste trabalho são estudantes de Licenciatura em Educação Física que ingressaram na UFC a partir de 2019.1. Junto a isso, buscou-se identificar e analisar quais experiências sensíveis-corporais marcaram estudantes da Licenciatura em Educação Física e como elas impactaram em suas concepções de corpo. Assim, espera-se ampliar a voz dos relatos de cada participante e mostrar como essas experiências sensíveis-corporais os atravessaram e permitiram que olhassem além do aspecto biológico.

Essa pesquisa de caráter qualitativo e abordagem fenomenológica investigou por meio de entrevistas os estudantes participantes os quais responderam às perguntas disparadoras detalhadas nos aspectos metodológicos deste trabalho. A análise fenomenológica seguiu os momentos de descrição, redução e compreensão.

O referencial teórico deste trabalho foi dividido na forma de capítulos. No capítulo um, fiz um resgate histórico da visão de corpo feita por alguns filósofos que marcaram o corpo ao propor diferentes aspectos e formas de enxergá-lo. Os filósofos escolhidos foram

⁶ A expressão “experiências sensíveis-corporais” foi criada por mim e pela minha orientadora a partir da compreensão de corpo sensível e fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1999). Esse termo também foi construído a partir da análise da atuação docente de Tatiana Zylberberg na dissertação de mestrado de Fabrício Leomar Bezerra (2015) que gerou o documentário “Aquilo que a gente nem sabia que podia ser”, disponível no YouTube no link: <<https://youtu.be/64orOh4EDto?si=p1-9BPYOJbIwYyPy>>. O olhar voltou-se a qualquer experiência, seja em um projeto de extensão ou em disciplina curricular, que na percepção dos sujeitos-cores promovesse impactos no corpo para além do aspecto biológico, permitindo sentir o corpo de uma forma sensível.

René Descartes, Immanuel Kant, Baruch Spinoza, Michel Foucault, Merleau-Ponty e Friedrich Nietzsche porque estão entre os principais filósofos do Ocidente que colocaram o corpo em seus pensamentos. No capítulo dois, trago o recorte de como a Educação Física no Brasil enxergou o corpo, apresentando as concepções higienista, militarista e pedagogista, mostrando como reduziam o corpo ao biológico, controlável e que apenas recentemente passou a olhar outras dimensões do corpo. Por fim, o capítulo três traz a importância do olhar mais sensível para o corpo por parte da Educação Física e como essa forma de olhar o corpo muda completamente a forma de atuação dela e de seus profissionais.

A seguir, apresento os objetivos deste trabalho, a revisão bibliográfica abordando o corpo e as diferentes visões a seu respeito e o percurso metodológico, pautado na fenomenologia, desvelando o fenômeno das experiências sensíveis-corporais e quais desdobramentos e impactos elas trouxeram na formação inicial de estudantes de Educação Física - Licenciatura.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL:

- Identificar e analisar os impactos das experiências sensíveis-corporais vivenciadas na formação inicial em Educação Física.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desvelar as concepções de corpo antes e após o ingresso no curso apresentadas por estudantes de educação física da Licenciatura da Universidade Federal do Ceará.
- Documentar as experiências sensíveis corporais apresentadas nos relatos dos estudantes em formação inicial do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará.
- Defender a importância das experiências na formação inicial e para a atuação de professores(as) de Educação Física.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. AS VISÕES OCIDENTAIS E FILOSÓFICAS DE CORPO

A visão do corpo não é um tema que começou a ser discutido somente na contemporaneidade, desde o começo da humanidade, o corpo é um tema que nos atravessa, que instiga e que é discutido sob diferentes formas e olhares. A visão do corpo mudou e muda ao longo do tempo, como ressalta Gonçalves (2008): “cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos” (p. 13 e 14).

Na Grécia Antiga, Platão (428 a.C. - 348 a.C.) propôs uma ruptura entre os mundos sensível e inteligível, o corpo nada mais era do que a prisão da alma, contaminando a pureza dessa com suas paixões, impedindo-a de atingir a clareza e perfeição do conhecimento. O dualismo platônico enxergava o mundo como uma dualidade envolvendo corpo e alma, sendo a visão dos sentidos uma visão distorcida ao passo que a alma enxergava o mundo perfeito. No mundo dual, os sentidos do corpo enganavam, com uma visão imperfeita e falha do mundo. Em contrapartida, Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) não enxergava o corpo de forma tão “negativa” e tampouco via que os sentidos enganavam. Pelo contrário, para o filósofo, a alma está presente como forma e o corpo como matéria, reconhecendo nesse processo o papel do corpo e dos sentidos para o conhecimento. Em Aristóteles, o corpo é sensível e inteligível e, é por meio dessa relação, que o ser humano percebe o mundo, particularidades no sentir que não distorcem a realidade, mas apresentam diferentes aspectos desta. Para ele, é com os sentidos que conhecemos o mundo à nossa volta e conseguimos explicar as coisas que acontecem ao nosso redor.

Séculos depois, a discussão acerca do corpo continuou. Influenciados pelo pensamento cristão, Santo Agostinho (354 d.C - 430 d.C) e São Tomás de Aquino (1225-1274) desenharam as suas próprias visões sobre o corpo. Gonçalves (2008) em seu livro “Sentir, pensar, agir: Corporeidade e educação” traz as concepções dos dois filósofos sobre o corpo.

Foi em Santo Agostinho, na Idade Média, que o dualismo envolvendo o corpo se tornou mais acentuado. Para o filósofo, corpo e alma são de naturezas completamente diferentes. A alma seria superior ao corpo, recebendo a luz divina, permitindo que a consciência fosse racional. Para São Tomás de Aquino, no final da Idade Média, a alma faria

parte da forma do corpo, permitindo o entendimento, a energia, o movimento do corpo e as faculdades sensitivas e vegetativas.

Outros filósofos desenharam as suas próprias visões do corpo. Entretanto, algumas delas se tornaram “principais” ao ganharem força maior e influenciarem diversos campos e áreas da sociedade – incluindo a própria Educação Física. Essas visões incluem o famoso dualismo cartesiano de Descartes e o controle do corpo pelas instituições abordado por Michel Foucault. São essas visões do corpo que serão destrinchadas agora.

René Descartes (1596-1650) foi o principal representante da corrente racionalista – baseado no princípio: “Penso, logo existo”. Descartes enxergava o humano e o corpo de uma forma extremamente racional, matemática e mecânica, abrindo assim um abismo profundo entre o corpo e a consciência. O filósofo criou um dualismo intenso entre corpo e alma em que a união entre ambos era uma ideia inconcebível porque era na alma no qual o corpo e o sensível não tinham tanta importância. Partindo desse ponto, Descartes define o corpo e a alma como substâncias. Ao corpo, ele dá o nome de *Res Extensa*, a substância corpórea, material e sem consciência. À alma, ele dá o nome de *Res Cogitans*, a substância material e pensante, portanto, superior, capaz de ter consciência.

Nesse cenário de dualismo cartesiano proposto por Descartes, o corpo era como uma máquina cujas peças poderiam ser substituídas e quando essa máquina – o corpo – já não tivesse mais utilidade poderia ser descartado. Dentro dessa visão dualista de corpo-mente, nosso corpo se tornou mecânico, tudo que é corpóreo se reduz ao biológico. Nossas articulações são vistas como engrenagens, nosso coração como a bomba que faz fluir o nosso combustível e nosso pulmão ativa a combustão do ar que nos mantém vivos. Essa visão corpo máquina é explicada por Manuel Pacheco Neto:

É o corpo que, para ser conhecido, deve ser esquadrihado, invadido, manipulado, sem vontade própria, não podendo ser senhor de sua existencialidade. É o corpo máquina de Descartes, onde o mau funcionamento de uma peça exigirá a troca dessa peça e nada mais.
(PACHECO NETO, 2012, p. 18)

Com essa visão de corpo do dualismo cartesiano, o qual é visto como máquina, racional, puramente biológico, temos que nos perguntar que Educação proporíamos na escola: como vamos enxergar nossos estudantes, como cuidaremos de seus corpos, que atividades corporais iríamos trabalhar, qual olhar lançariamos às emoções. É bastante doloroso pensar em uma visão da Educação Física que olha os corpos como simples objetos mecânicos.

A forma como Baruch Spinoza (1632-1677) enxergava o corpo também contesta com o dualismo cartesiano proposto por Descartes. A sua visão de corpo envolvia uma relação com a morte como condição do corpo e que o ser vivo existe pela sua inegável condição de mortalidade. Ao mesmo tempo que afirma isso, Spinoza defende que o corpo não se resume unicamente a esse fator. Para ele, o corpo é força e expressão que aumentam com nossos encontros com outros corpos. A isso, Spinoza deu o nome de “afetos”. Os afetos de Spinoza são o principal ponto de sua visão de corpo. Para ele, afeto não se resume ao carinho, às coisas necessariamente boas, mas sim a qualquer coisa capaz de atravessar e afetar o corpo – por isso existem os bons e maus afetos. Em sua obra “Ética”, Spinoza discorre acerca do poder desses afetos:

O que conta é: de que é capaz um corpo? [...] que nós não sabemos mesmo de que é capaz um corpo, nós tagarelamos sobre a alma e sobre o espírito e nós não sabemos o que pode um corpo. Ora, um corpo deve ser definido pelo conjunto das relações que o compõem [...] pelo seu poder de ser afetado. Enquanto vocês não souberem qual é o poder de ser afetado de um corpo, enquanto o apreendem ao acaso dos encontros, vocês não terão uma vida sábia, vocês não terão a sabedoria. (SPINOZA, 2019, p. 52)

Para o filósofo, isso significa dizer que o corpo pode ser afetado de múltiplas formas e que o corpo em suas relações de afeto com outros corpos pode experimentar expansões de sua própria potência ou retrair-se, mas para isso é preciso que entendamos o poder desse afeto. Dentro dessa visão de corpo, Spinoza aborda o que ele chama de gêneros de conhecimentos. O primeiro corresponde à paixão; o segundo à razão; e o terceiro à criação.

É com base nessa visão dos gêneros de conhecimentos que Spinoza define a mente. Em sua visão, a mente conhece as coisas por meio dos gêneros de conhecimentos. Ainda nesse ponto, o filósofo aborda a relação corpo-mente. Ao contrário do dualismo cartesiano, em Spinoza corpo e mente agem em conjunto, inseparáveis, de modo que os afetos da mente sentem-se no corpo. Em Spinoza ocorre o destaque do corpo como extensão e que as afecções nascem em decorrência dos encontros vivenciados por cada corpo.

Nessa relação corpo-mente junto aos encontros que afetam o corpo, afetos bons aumentam a ânsima – a vitalidade –; em detrimento, afetos maus diminuem a potência de vida. Ao mesmo tempo, é dessa união entre corpo e mente que nasce a potência do pensar, permitindo que o ser humano possa conhecer, saber e perceber o mundo à nossa volta.⁷

⁷ Parte das informações da visão de corpo para Spinoza foram retiradas de anotações das aulas da Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física cursada em 2020.1.

Immanuel Kant (1724-1804) foi o maior filósofo do idealismo transcendental. Seu pensamento estendeu-se também para a forma como via o corpo. Embora também partilhasse de conceitos para a alma e o corpo assim como Descartes, Kant não tecia um abismo profundo entre eles. Ao invés disso, ele passou a colocá-los como fenômenos. Fazendo isso, Kant enxerga o corpo não mais como uma casca para a alma, mas sim como um responsável pelas manifestações do mundo. É através do corpo que contemplamos o mundo. Partindo disso, o filósofo enxerga a alma como a responsável por vivificar o corpo.

Para Kant, nessa relação de corpo e alma além de ambos não poderem mais ser tratados como substância, também não poderiam ser separados. Girotti (2012) explica essa relação de corpo e alma para Kant ao dizer que:

O corpo ligado a um ser imaterial (alma), que deve vivificá-lo, será um corpo dotado de razão, corpo e alma, uma vez que alma, assim como o espírito, é um ser imaterial. Além disso, é preciso compreender a propriedade da impenetrabilidade, pois corpo e alma são de espécies diferentes, mas o segundo ocupa o primeiro sem preenchê-lo (p. 03)

É possível ver, então, que para Kant o corpo assume um aspecto transcendental e empírico, uma vez que é o condutor da vitalidade da alma e das manifestações do mundo. Ao colocar o corpo dessa forma, ele rompe completamente com o dualismo cartesiano de Descartes. Ferreira e Silva (2011) destrincham essa diferença na forma de Kant de pensar o corpo em comparação a Descartes:

Percebemos até aqui uma diferença marcante entre Descartes e Kant no que tange a discussão sobre o corpo: para o primeiro a relação corpo/alma é um ambíguo que se manifesta em uma relação dialética, portanto contraditória de uma existência que se caracterizava pela sobreposição da alma sobre o corpo e do fato desta estar no Mundo como um cogitatio manifesto até mesmo independente do sujeito-corpo. Já em Kant essa relação se constrói no Mundo e a partir deste, deixando a ambiguidade e tornando se um duplo corpo -alma, que vai caracterizar um sujeito-objeto-de-experiências. (FERREIRA e FERREIRA e SILVA, 2012, p. 11)

Ao observarmos a visão de corpo de Kant, conseguimos olhar para a importância das experiências que vem no corpo e com o corpo, deixando de separar os aspectos sensível e da razão. Pensando na Educação Física, essa visão de corpo ajuda a compreender o papel das experiências corporais individuais de cada que não devem ser desvalorizadas pelo professor.

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um grande crítico ao dualismo, batendo de frente contra a divisão do mundo sensível e do mundo inteligível. Não apenas a isso, mas toda a sua visão de corpo é composta por críticas aos pensamentos que vieram antes dele, mostrando como a razão foi supervalorizada em comparação com o corpo e seus sentidos. Costa (2014) ressalta que Nietzsche critica qualquer forma de substancializar o homem por intermédio da alma, do espírito e da razão, como também do seu oposto tais como objeto, substância e matéria.

Dessa forma, o filósofo entendia e enxergava o corpo não como matéria meramente habitada pela alma, mas sim como um processo dinâmico no qual existem confrontos entre os impulsos do corpo que determinam e definem a dimensão corporal de cada um. Dentro dessa forma de enxergar o corpo, não existe domínio da razão sobre o corpo ou qualquer possibilidade de atribuir à razão um sentido de superioridade.

Indo ainda mais contra as visões de corpo que vieram antes de si, Nietzsche confere valor ao corpo e aos sentidos enquanto nega a existência do divino, do além e da imortalidade da alma. Para ele, a concepção de uma divindade nega o corpo em detrimento da alma, vendo-o sempre como impuro em contraste com a pureza espiritual. No lugar desse papel da alma, o filósofo dá lugar e voz à potência que habita no corpo, sendo essa potência que permite entendermos a dinâmica e as múltiplas forças que atravessam o mundo.

Ainda em sua visão de corpo, Nietzsche mostra e destaca que o corpo possui um papel essencial, plural em sua totalidade e extremamente importante porque é por meio do corpo que manifestamos a vontade e potência. Como nos mostra Azeredo (2008), na interpretação nietzschiana o controle do corpo não ocorre pelo poder do intelecto, mas sim do corpo sobre si mesmo. Isso reforça os conflitos corporais que perpassam o corpo, sendo desses conflitos que nascem as manifestações corporais. Para ele, é o corpo inteiro que pensa, que sente, que expressa, que manifesta suas vontades e potências.

Nietzsche concebe o corpo como uma totalidade de instintos e de forças agindo para a expansão e afirmação da vida. As manifestações dessas forças corporais atuam em contínuos embates entre si, com o que se criam novas possibilidades, rompem-se limites. Em alguns momentos, certas forças dominam, em outros, essas forças obedecem, cedendo espaço à manifestação de outras vontades e afetos. (AZEREDO, 2008, p. 56).

Ao observarmos a visão do corpo de Nietzsche, podemos ver como tudo parece estar envolvido em um grande embate de forças, vontades e potências, onde o corpo, como centro e palco de todos esses confrontos, age como o condutor de toda essa pluralidade.

Merleau-Ponty (1908-1961), um dos principais filósofos da Fenomenologia, caminha por uma forma de pensar o corpo completamente diferente do dualismo cartesiano. O filósofo afirma a importância da experiência do sentir, sendo a partir dessa experiência de sentir que podemos atribuir sentidos às coisas que nos cercam, conhecer o mundo, seus fenômenos e suas relações de afeto. Em sua visão de corpo, Merleau-Ponty critica a objetividade da ciência e da supervalorização da razão em detrimento do sensível que habita o corpo. Nessa ideia de corpo é possível pensarmos na ideia de corporeidade porque ele defende as experiências individuais de cada corpo, seus sentimentos e seus valores. Isso é possível também porque para Merleau-Ponty (1999) o corpo e o mundo são formados pela mesma matéria, mas é através do corpo que conseguimos perceber o mundo e tudo o que existe nele. Para ele, nós somos corpo e sentidos – “sinto, logo sou!”⁸ – em oposição ao dualismo cartesiano.

Percorrendo essa visão de corpo, Merleau-Ponty (1999) ultrapassa as dicotomias do corpo sujeito e do corpo objeto. Ao fazer isso, ele também considera o corpo em seus aspectos fisiológicos, mostrando que a postura, o tônus muscular e o movimento apresentam-se como experiências corporais capazes de oferecer significados. Isso, por sua vez, abre espaço para discussões sobre a ligação entre nosso corpo físico e nosso corpo psíquico. O corpo não é inteiramente objeto e por sermos corpo é impossível nos separarmos dele. Isso é interessante de pensar quando analisamos o exemplo de Merleau-Ponty de que a mão que toca também é tocada, e para ele isso diferencia o corpo dos objetos.

Partindo desse ponto, Merleau-Ponty afirma e defende que o corpo não é uma máquina, não é puramente biológico e tampouco um objeto estudado pela ciência. Para ele, o corpo é a condição e base do existir, porque é por meio do nosso corpo que percebemos e criamos o mundo. Além disso, ele mostra como nosso corpo e a experiência motora se caracterizam como uma forma de acessarmos o mundo.

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele

⁸ Essa frase foi dita pelo filósofo Søren Kierkegaard (1813-1855), um filósofo e teólogo dinamarquês, e trazida em uma aula da Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação de 2023.1 pelo Prof. Dr. Fidel Machado quando ele abordou partes do pensamento de Merleau-Ponty que contestam o dualismo cartesiano.

manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores da dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele construa um instrumento, e ele projeta em torno de um mundo cultural (MERLEAU-PONTY, 1994 , p. 203)

Podemos ver, então, que para Merleau-Ponty o corpo e os sentidos são extremamente importantes para o ser e saber humano e que tentar separar suas dimensões corpórea e mental é impossível de ser feito porque nós somos corpo em totalidade, em cada aspecto.

Em Michel Foucault (1926-1984), o corpo é o campo onde inúmeras forças – convergentes, divergentes, plurais em sua natureza – entram em constante combate, tentando prevalecer sobre as outras. Medeiros (2010) fala sobre a forma como o filósofo enxergava o corpo:

Este corpo não se limita às concepções orgânicas; antes de tudo, ele se apresenta como um campo sobre o qual operam diferentes dispositivos. O corpo não deve ser pensado a partir de uma existência a priori, e sim como um objeto que deve ser problematizado, investido por forças e, por fim, produzido (p. 01)

Além dessa concepção do corpo como um lugar onde as forças se encontram, se confrontam e se manifestam, Foucault também “destrona” a alma de seu posto de superioridade e ligado ao divino. Junto a isso, o filósofo enxergava as relações de poder sobre os corpos em que as instituições de poder – governo, escola, a sociedade como um todo – buscam “docilizar” os corpos, fazendo-os apresentar aspectos e características constantes, padronizadas e que venham a ser úteis no meio onde estão inseridos. Mendes (2006) mostra como Foucault enxergava que essa disciplina vem tornar o corpo mais eficiente e mais dócil, e vice-versa, estipulando o que pode fazer e o que não deve fazer. Nessa docilização, o corpo deve cumprir o seu objetivo, servindo, fazendo somente aquilo que lhe é destinado, tudo por meio do poder. Esse poder para o filósofo é algo social construído historicamente de modo que esse poder se manifesta por meio das relações de poder que é possível para a sociedade controlar os corpos.

Em sua concepção, Foucault enxerga que:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. (FOUCAULT, 1984, p. 80).

Para chegar a esse controle do corpo por meio desse poder, Foucault argumenta que existe um processo de adestramento onde os corpos são distribuídos individualmente em um ambiente em que cada corpo possui seu espaço e cada espaço possui o seu corpo de modo que as particularidades vistas como indesejadas sejam eliminadas e se mantenha apenas o que venha a ser útil. Esse adestramento, controle e docilização do corpo por meio das relações de poder tinha como objetivo não apenas um viés de superioridade ou inferioridade, mas também uma maior eficiência física do corpo.

Ao abordar e criticar essas relações de poder que buscam controlar o corpo, Foucault apontou a metáfora da prisão onde se realiza a disciplinarização exaustiva do corpo, obrigando-os a repetir o mesmo exercício vez após vez. Ao tocar nas instituições de poder como prisões disciplinadoras dos corpos, Foucault busca trazer um olhar reflexivo sobre a forma como os corpos se tornam dóceis e que isso não deve acontecer devido a particularidade das forças que entram em confronto no corpo de cada indivíduo.

3.2. O CORPO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Como pode-se ver nos pontos anteriores, a visão de corpo mudou muito ao longo do tempo. Em cada uma dessas visões o corpo foi pensado sobre um novo olhar, alguns deles colocando-o como uma máquina em detrimento da razão; outros colocando-o no palco da manifestação das vontades, potências; alguns pararam para pensar nos afetos que o atravessam.

Contudo, uma forma de olhar o corpo que acabou prevalecendo acima das outras foi a visão dualista que separava corpo e mente, deixando de lado todo o aspecto sensível que envolve o corpóreo, colocando em ênfase o biológico e o mecânico, a visão do corpo-máquina que poderia ser docilizado nas relações de poder na sociedade.

Essas formas de olhar o corpo enfatizando o biológico e o mecânico perpassaram diversas áreas e criaram raízes profundas na Educação Física brasileira e a sua forma de olhar o corpo. Influenciada principalmente pelos métodos ginásticos alemão e francês, que chegaram ao país na década de 1930, a Educação Física no Brasil passou a enxergar o corpo sob múltiplas concepções, mas sempre colocando o sensível em detrimento do biológico e da razão, buscando docilizar os corpos para atingir algum objetivo social, tentando torná-los

úteis à pátria. Nos tópicos abaixo, será discorrido acerca das principais visões do corpo tidas pela Educação Física no Brasil.

Por muito tempo a Educação Física olhou de forma higienista para o corpo. Sob esse olhar que priorizava a saúde de uma forma descomunal, a Educação Física tratou o corpo como um simples objeto, olhando-o como algo que precisava estar bem acima de tudo, preservado em saúde e aptidões físicas. Pacheco Neto (2022) diz que totalmente acrítica, a Educação Física higienista reduz-se a um simples instrumento de saneamento público manipulado pelas mãos hábeis da medicina.

Sob esse olhar, uma visão extremamente biológica foi adotada, os aspectos ligados ao sensível foram completamente deixado de lado e o corpo passou a ser trabalhado de forma exagerada e forçada para se ver livre de debilidades ou enfermidades. Em suma, a Educação Física Brasileira passou a buscar por um corpo perfeitamente são e fisicamente apto que jamais fosse padecer por doenças.

O olhar higienista do corpo deu lugar a uma concepção militarizada de enxergar o corpóreo e tudo aquilo que o envolvia. Nesse sentido, a Educação Física passou a olhar para o corpo com o intuito de docilizá-los e educá-los para que se tornassem soldados.

Nessa forma de olhar o corpo, o foco na saúde continuou, mas não de forma a preservar exaustivamente a saúde corporal. No olhar militarista da Educação Física, o corpo precisava ser saudável, robusto, cheio de vitalidade e aptidão física para que os jovens servissem à pátria, defendendo-a, fazendo-a crescer.

Dentro desse olhar que a Educação Física teve para o corpo por muito tempo, os aspectos biológicos foram exaltados ainda mais e a pluralidade dos corpos foi ignorada, docilizando-os enquanto tentavam encaixá-los em um único padrão tido como o ideal. Nesse contexto, o corpo foi submetido a treinamentos exaustivos, jogos extremamente competitivos, exercícios ginásticos, tudo visando características da vida militar. O corpo sensível permaneceu invisível e ignorado.

Após esses dois olhares de caráter completamente biológico e docilizador para os corpos, a Educação Física finalmente passou a olhar os aspectos sensíveis do corpo ao adotar uma postura pedagógica relacionada às ações educativas. Sob esse novo olhar mais profundo, a Educação Física enxergou as particularidades de cada corpo, suas potencialidades e individualidades, defendendo a valorização e o respeito a essa pluralidade de corpos. Em relação ao ambiente escolar, esse olhar mais sensível permitiu que os corpos antes “aprisoados” pudessem vivenciar experiências únicas e se expressar de forma livre pela primeira vez, dando palco ao sensível que por muito tempo permaneceu escondido.

Com o surgimento dessa perspectiva de olhar o corpo, a Educação Física começou a romper com a visão biológica, docilizada e mecânica do corpo e, abriu espaço para discussões sobre a valorização do corpo-sensível.

3.3. A IMPORTÂNCIA DO CORPO SENSÍVEL PARA A ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Como visto nos capítulos anteriores, a forma de enxergar o corpo mudou imensamente ao longo da história – e continuará mudando enquanto a humanidade existir. Dentro da Educação Física essa visão de corpo também se construiu e se transformou passando de um olhar completamente mecânico-biológico para denunciar uma perspectiva docilizadora de corpos até se abrir para uma forma de enxergar o corpo mais sensível, mais aberta à corporeidade. Cada uma dessas formas implicou em uma forma de atuação do professores(as) de Educação Física e como iriam enxergar os corpos de seus alunos.

Essa mudança de olhar da Educação Física aberto à sensibilidade do corpo e às individualidades de cada corpo nos permite questionar a importância de enxergar o corpo de forma sensível para atuação da Educação Física. Afinal: qual é a real necessidade de enxergarmos o corpo para além do biológico?

Monteiro (2009) ajuda a compreender essa necessidade ao mostrar que:

A Educação Física tem a falsa pretensão de ensinar a seus alunos o que é corpo, como ele funciona, para que “serve” cada sistema fisiológico, mas se esquece de que esse não é um conhecimento que possa ser ensinado simplesmente. Qualquer pessoa pode falar dos aspectos biológicos do corpo, mas nem todos conseguem explicar ou sentir o que é corporeidade. Nesse aspecto, o professor de Educação Física pode se considerar um privilegiado, pois em suas aulas podem ocorrer novas possibilidades de experimentação de movimentos, de novos desafios corporais e de novas relações construídas entre os alunos o mundo e entre eles próprios. (p. 124)

Assim, pode-se perceber que a verdadeira necessidade desse olhar mais sensível é que o corpo jamais se resumirá ao biológico, nunca será somente mecânico, jamais será uma máquina que pode ser simplesmente destrinchada, descartado se uma “peça” se quebrar. O corpo é movimento, é potência, sentimento, é plural. É no corpo que são inscritas as histórias individuais de cada um e suas particularidades. O corpo não pode ser pensado isoladamente como um mero detalhe porque o humano é um ser corpóreo. Assim, cada corpo é um corpo. Cada corpo é único e ter esse olhar sensível é entender justamente essa questão. Por isso, é

importante que a Educação Física mantenha esse olhar para não mais promover exercícios mecânicos de repetição ou docilização dos corpos por meio das relações de poder na escola. Em suma, é importante a Educação Física ter esse olhar sensível porque, antes de tudo, somos corpo. Como dito por Lobo e Aguiar (2021):

Antes de sermos sujeitos de um ofício, somos de um corpo; antes de sermos alunos, somos corpos; antes de sermos professores, pais e filhos, homem e mulher, somos corpos, corpos-mentes articulados. Em suma, a partir dos corpos estamos no mundo e deles sairemos, porque por meio deles sentimos as afecções que promovem ou aumento ou a diminuição de nossas alegrias; enfim, pelos corpos somos envolvidos pelas paixões, sejam essas alegres ou tristes. (LOBO e AGUIAR, 2021, p. 04)

Assim, não podemos esquecer que somos corpo antes de sermos professores(as) ou estudantes e devemos carregar esse saber a todo momento. Como dito por Nóbrega (2005, p. 13), “o corpo é uma evidência que acompanha todo ser humano, do nascimento à morte”. Visto isso, é impossível ignorar os reducionismos da visão do corpo restrita unicamente à dimensão biológica. A Educação Física, em especial, precisa estar de olhos bem abertos para a corporeidade, corporeidade essa que expressa a relação interpessoal, profunda e sensível entre um corpo com o outro e do corpo com o mundo ao seu redor, o que torna possível sentir, se expressar e ressignificar.

Dessa forma, continuar pensando no corpo sob olhares dualistas que ignoram o aspecto sensível em detrimento da razão é esquecer desse aspecto extremamente do corpo. Pacheco Neto levanta essa alerta ao falar que:

O preocupante, nos dias atuais, é continuarmos a considerar o corpo como uma máquina a ser melhorada em seu rendimento para atingir a perfeição, porque nesta trilha já partimos do princípio que o corpo humano é imperfeito, justificando todo tipo de manipulação e de invasão para consertá-lo (PACHECO NETO, 2012, p. 32)

Esse argumento também é defendido nas palavras de Nóbrega (2005) ao mostrar que:

Nosso corpo traz marcas sociais e históricas, portanto questões culturais, questões de gênero, de pertencimentos sociais podem ser lidas no corpo. Por que não incluir nessa agenda, para além do controle dos domínios de comportamentos observáveis, a questão dos afetos e desafetos, dos nossos temores, da dor e do medo que nos paralisa ou nos impulsiona, do riso e do choro, da amargura, da solidão e da morte? (p. 12)

Como dito pela autora, é preciso antes de tudo romper com essa perspectiva de olhar o corpo como uma máquina que pode ser melhorada até atingir a perfeição porque essa perfeição não existe e persegui-la incansavelmente cria um abismo cada vez mais profundo que afunda o sensível e dociliza os corpos de uma maneira completamente negativa, condicionando-os a situações por vezes frustrantes e dolorosas de repetição seguida de repetição em busca de tentar padronizar os corpos sob uma perspectiva mecânica. Esse cenário é apresentado por Gonçalves (2008) ao falar que:

Dentro de uma perspectiva da Educação Física, todo exercício físico que se constitui numa mera repetição ignora a essência do movimento humano, que é uma totalidade aberta, e encerra em si uma relação dialética do homem com o mundo, que a cada momento se redefine e se reestrutura. (p. 112).

Mais do que romper com o olhar mecânico que reduz o corpo ao aspecto biológico, é importante que a Educação Física e seus profissionais tenham esse olhar sensível para enxergar a corporeidade e entender que o corpo de seus alunos é o autor da sua forma de se relacionar com os outros corpos e com o mundo. É preciso ter esse olhar mais sensível para o corpo para que possamos enxergar o corpo consigo próprio, com o outro e com o mundo porque como ressaltado por Gonçalves (2008, p. 13) “a forma de o homem lidar com sua corporeidade, os regulamentos e o controle do comportamento corporal não são universais, mas, sim, uma construção social do processo histórico”.

É como nos mostra Pacheco Neto:

O sentido da corporeidade deve nos mostrar que o corpo-sujeito é ator e autor de sua história e de sua cultura. É um sujeito relacional, daí a necessidade da consciência de si, dos outros e das coisas ou do mundo (PACHECO NETO, 2012, p. 20).

Enxergar essa corporeidade e ter consciência de que ela é única de cada indivíduo e favorecerá ao professor de Educação Física entender cada estudante, suas particularidades e a forma como o corpo dele sente e se expressa. É importante, então, termos esse olhar sensível para o corpo para não cometermos o erro e a injustiça de enxergar todos os nossos alunos como iguais e condicioná-los à docilização. Campos e Santos (2014, p. 02) reforçam a importância de ter esse olhar sensível atrelado à corporeidade ao afirmar que:

A corporeidade apresenta-se como fator de trabalho primordial da Educação Física, e é através do corpo que alcançamos a corporeidade, a afirmativa torna-se um referencial para os profissionais de Educação Física, pois, “compreender” a corporeidade é saber olhar sensivelmente o corpo na busca da sua consciência corporal e não da disciplina imposta ou padronizada.

Conservar, fortalecer e disseminar esse olhar sensível do corpo pela Educação Física e seus profissionais, especialmente dentro do ambiente escolar, é importante para promover o bem-estar e o aconchego para que possam desenvolver a identidade pessoal, o seu Eu Corporal.

A escola deve promover segurança e confiança para os alunos com intuito de proporcionar uma melhor compreensão do “EU CORPORAL”, que é inerente ao papel do profissional, visto que este é mediador das ações e interações dos seus alunos para o crescimento, e por fim, para a promoção de sua identidade pessoal. (CAMPOS e SANTOS, 2014, p. 03)

Gonçalves (2008) incita uma reflexão importante ao discutir que é importante que o(a) professor(a) de Educação Física deixe que o estudante forme seus próprios significados de movimento por meio das experiências que ele terá em seu corpo e vivencie diretamente o sentido de uma determinada ação motora.

Isso mostra como é importante adotar o olhar sensível para o corpo e para as experiências individuais de cada um(a) porque nenhum estudante terá a mesma experiência em um movimento, cada um(a) irá sentir, experimentar e expressar à sua própria forma, se relacionando com o outro e com o mundo durante todo o processo. Se não olharmos de forma sensível para o corpo que realiza esse movimento, iremos cometer o erro de julgá-lo errado e fazê-lo buscar por uma dolorosa perfeição padronizada que, como já mencionado anteriormente, não existe.

Freire (2009) reforça isso ao dizer que “a Educação Física não é apenas educação do ou pelo movimento: é educação de corpo inteiro, entende-se, por isso, um corpo em relação com outros corpos e objetos, no espaço”.

Nóbrega (2005) também mostra a importância de ter essa visão porque “o corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais”.

Monteiro (2009) corrobora esses dizeres ao afirmar que

O que se espera da Educação Física escolar é que ela promova atividades que permitam a compreensão de um corpo que aprenda conhecimentos integrados por diferentes atitudes, por diferentes sensações. O aluno só aprende quando lhe é permitido sentir, agir e pensar... quando lhe é permitido viver a sua corporeidade! (p. 127)

Dessa maneira, como visto até aqui, é importante a Educação Física e seus profissionais terem esse olhar para o corpo senciente para que seja possível enxergar o corpo inteiro, não apenas uma parte dele. É importante ter esse olhar sensível para não cometermos o erro de enxergar o corpo do estudante como uma máquina que pode repetir o mesmo exercício incontáveis vezes e atingir uma perfeição idealizada; é importante para que não docilizemos os corpos que cuidamos; é importante para entender como os afetos os atravessam e a pluralidade do corpo nos confrontos que acontecessem dentro dele.

Esse olhar sensível é importante para sabermos que atividades corporais propor, que cuidados devemos ter com o corpo do outro, como devemos trabalhar para que possam experimentar, sentir e se expressar. Manter esse olhar é saber olhar para o corpo é importante porque tudo se passa no e com o corpo. É ter o olhar mais sensível na hora de montar as aulas, sabendo o que colocar para que os estudantes possam vivenciar e se relacionar com seus corpos, com os corpos dos outros e com o mundo.

Uma Educação Física para todos os corpos não pode ser sequer pensada e construída se ignorar o aspecto sensível-corporal. É preciso abrir os olhos para esses aspectos e entender que o corpo nunca foi e nunca será apenas um elemento biológico que pode ser docilizado para atender aos comandos de uma sociedade ou instituição. O corpo é potência, é afeto. O corpo é vida e a Educação Física pode abrir o olhar para isso.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Assim como o corpo não pode continuar sendo visto de forma mecânica, cartesiana e reduzida ao biológico porque isso renega todos os aspectos sensíveis, os olhares metodológicos que se lançam sobre as temáticas do corpo também não podem limitar-se ao mecânico, ao quantificado e ao objetificado porque não olham para o corpo quanto senciente, preocupando-se unicamente em analisar dados enumerados, catalogados e classificados, ignorando a subjetividade e a pluralidade de significados que envolvem o corpo.

Da mesma forma que existem múltiplas formas de enxergar o corpóreo pelo olhar da filosofia ou fisiologia, também existem muitas formas de vê-lo pelas lentes da ciência.

No decorrer da minha formação inicial, tive a oportunidade de vivenciar diversas experiências - tal como detalhado na introdução deste trabalho - que despertaram em mim o olhar mais sensível para o corpo, fazendo-me carregar essa visão também na minha forma de pesquisar, entender e fazer ciência quando o corpo é colocado em pauta. Partindo desse ponto, do mesmo modo que este trabalho tem como um dos objetivos fundamentar a importância de perceber o corpo como senciente na formação inicial de professores, indo além das concepções estritamente biológicas ou mecânicas, o olhar metodológico e de ciência que embasa este TCC busca ir além dessa perspectiva cartesiana e das quantificações envolvendo o corpo porque um dos grandes aprendizados que adquiri ao longo da minha formação inicial é a de que o corpo não pode ser compactado ou resumido a uma única dimensão - ele é plural, com muitos aspectos e particularidades que são entendidos, expressos e vividos no íntimo de cada um. Quantificar o corpo em apenas um aspecto é fechar os olhos para a complexa subjetividade de cada pessoa e ignorá-la é diminuir ou mesmo anular as experiências de cada um, suas particularidades e significados que são atribuídos individualmente ao espectro corporal.

Assim, optou-se por adotar uma metodologia de natureza qualitativa porque como dito por Minayo (2007, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes

Ao adotar esse olhar qualitativo, busco valorizar neste Trabalho de Conclusão de Curso justamente as subjetividades, vivências e experiências particulares de cada relato porque eu entendo que as experiências sensíveis-corporais atravessam cada um de uma forma única e ao dar espaço para que elas possam ser expressas e observadas possa-se entender os impactos que elas tiveram na visão de corpo, formação inicial e forma de trabalhar com o corpo, compreendendo aspectos, situações e o *fenômeno* das experiências que despertam olhares sensíveis para o corpo. Esse olhar qualitativo enxerga os participantes não apenas como números ou dados, mas como sujeitos ativos que fazem parte do fenômeno.

A pesquisa para esse projeto de TCC tem como público-alvo estudantes de Licenciatura do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará (IEFES-UFC) ingressantes a partir de 2019.1. A escolha por ingressantes a partir do Semestre 2019.1 deu-se porque os discentes em Licenciatura começam o Curso no Semestre ímpar, com uma turma diurna e outra noturna - o qual se repete em 2020.1, 2021.1 e 2022.1. Além disso, cabe ressaltar que a escolha por esse grupo leva em conta que os estudantes estão em momentos diferentes do Curso, nos Semestres iniciais ou finais, e já passaram por diferentes vivências e experiências. Assim, esse público compõe o leque de possíveis entrevistados na pesquisa. Entretanto, há os critérios de inclusão e exclusão especificados ao longo deste caminho metodológico.

A pesquisa não conta com um quantitativo para obter número mínimo e máximo de respostas, de modo que as entrevistas continuarão acontecendo até que as respostas se tornem repetitivas e não apresentem novas informações, atingindo o critério de saturação. Nascimento et al (2018, p. 02) mostram que esse critério de saturação é atingido quando “quando nenhum novo elemento é encontrado e o acréscimo de novas informações deixa de ser necessário, pois não altera a compreensão do fenômeno estudado. Trata-se de um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de dados”.

Quando comecei as primeiras escritas dos aspectos metodológicos, optei a princípio por um estudo com olhar mais epistemológico, mesmo não entendendo esse aspecto em sua totalidade, me pareceu o caminho correto a ser seguido. Entretanto, com o passar das leituras, orientações e aprofundamentos no âmbito metodológico, o olhar de ciência que me apropriou para este Trabalho de Conclusão de Curso é o da fenomenologia. Merleau-Ponty (1999, p. 05) conceitua a fenomenologia “como o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência”.

Sob a ótica científica, como dito por Zylberberg (2007, p. 133 e 134):

A fenomenologia, como método científico, busca a essência do fenômeno, não procura explicá-lo com conceitos, mas interroga-o, tentando compreendê-lo. Nesta abordagem, o pesquisador não utiliza pressupostos ou pré-concepções sobre o fenômeno investigado.

Ao empregar esse olhar fenomenológico, busco ir além de uma visão cartesiana e quantitativa e deixar surgir, vir, fluir, expressar, brotar e manifestar os fenômenos que são as experiências sensíveis-corporais vivenciadas de forma tão única e particular por cada estudante entrevistado, valorizando a descrição e o relato de como essas experiências foram sentidas e quais aprendizados vieram com elas - como as mudanças em suas concepções de corpo, os sentimentos que surgiram em cada uma delas, o que ficou de cada experiência e quais marcas vão ser levadas para a atuação dele como professores de Educação Física.

Minha intenção ao escolher essa abordagem foi dar voz à importância das experiências sensíveis-corporais para a formação inicial dos licenciandos em Educação Física por meio da bagagem que cada estudante entrevistado traz consigo, porque a própria experiência é um fenômeno, assim como o próprio aspecto corporal é um complexo e maravilhoso fenômeno por si só.

É importante ter esse olhar para o corpo e para as experiências sensíveis-corporais porque, como dito por Merleau-Ponty em sua obra *“O Visível e o Invisível”*:

Antes da ciência do corpo – que implica a relação com outrem –, a experiência de minha carne como ganga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer outro lugar, mas emerge no recesso de um corpo
(2004, p. 21)

Dessa forma, potencializar a voz e reflexão sobre as percepções dos estudante e as experiências vividas no e sobre o corpo por cada estudante é compreender a importância do fenômeno que são as experiências sensíveis-corporais para a formação inicial dos professores em Educação Física e como elas influenciam suas atuações docentes no ambiente escolar.

O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista que Minayo e Costa (2018, p. 03) definem como “uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação”. Os mesmos autores dizem, ainda, que “cada entrevista expressa de forma diferenciada a luz e as sombras da realidade, tanto no ato de realizá-la como nos dados ali produzidos”.

Mais especificamente, a entrevista realizada para este estudo classifica-se como uma entrevista semiestruturada. Este tipo de entrevista combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas que ao mesmo tempo que conferem a possibilidade do entrevistado discorrer sobre suas experiências, vivências e particularidades, produzindo respostas e relatos livres, também mantém o foco proposto pelo entrevistador-pesquisador, dando espaço para uma discussão acerca do tópico estudado - no caso deste TCC, as experiências sensíveis-corporais e suas importâncias na formação inicial como professores de Educação Física.

Além disso, entendo que a entrevista proporciona um momento confortável para a narração de relatos particulares, criando um espaço sem julgamentos, sem a concepção dual de certo ou errado, proporcionando um elemento de abertura e partilha sobre as concepções do entrevistado.

As perguntas disparadoras envolvem a percepção de corpo dos entrevistados antes de vivenciarem experiências sensíveis-corporais proporcionadas dentro do Instituto de Educação Física e Esportes e após esses momentos, buscando identificar ainda, quais momentos mudaram ou despertaram novos olhares sobre o seu corpo e o corpo do outro. Dentre as perguntas disparadoras será questionado, também, que impactos essas experiências tiveram na formação inicial e perguntando sobre a importância de enxergar o corpo além da visão biológica, olhando para os aspectos sencienses e culturais. As perguntas da entrevista semiestruturada encontram-se mais adiante neste percurso metodológico.

Como instrumento para a coleta e armazenamento de dados dos relatos sobre as experiências sensíveis-corporais foi utilizado o gravador de voz proveniente do celular do entrevistador-pesquisador.

A análise dos depoimentos coletados nas entrevistas foi feita de forma fenomenológica, buscando a compreensão, o entendimento e a importância que as experiências tiveram para cada estudante entrevistado. A escolha por esse tipo de análise é porque, conforme dito por Minayo (2012, p. 03), “compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento”, levando em conta, assim, sua subjetividade e singularidade. Isso se reforça com as falas de Gadamer (1999, p. 184) de que “compreender significa, de princípio, entender-se uns com os outros. Compreensão é, de princípio, entendimento”.

As transcrições das entrevistas semiestruturadas para este trabalho foram realizadas inteiramente com base nas gravações de áudio, permitindo, dessa forma, interpretar, analisar e observar com clareza, fluidez e integridade cada um dos relatos.

Para a inclusão e exclusão dos participantes deste estudo, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão e exclusão, conforme apresentado abaixo.

- **Critérios de Inclusão:**

- Ser estudante do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará - Licenciatura ingressante a partir de 2019.1.
- Ter cursado a Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física no IEFES.

- **Critérios de Exclusão:**

- Não ter participado da Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física no IEFES-UFC.
- Ter ingressado antes de 2019.1.

Conforme escrito no início deste percurso metodológico, o tipo de entrevista utilizada neste estudo foi a entrevista semiestruturada. A escolha por este tipo foi porque como dito por Andrade (2010, p. 38): “A técnica de entrevista semiestruturada permite ao entrevistado contribuir no processo de investigação com liberdade e espontaneidade, sem perder a objetividade”.

Dessa forma, as perguntas desta entrevista semiestruturada foram elaboradas para que os entrevistados pudessem discorrer de forma livre e espontânea, contribuindo com suas experiências para o desvelar do fenômeno. As perguntas buscam identificar quais experiências sensíveis-corporais foram marcantes para os entrevistados e como era a visão sobre o corpo antes e após passar por estas experiências. Nas perguntas, ainda, buscou-se compreender como elas impactaram a formação como professor(a) de Educação Física e qual importância os entrevistados enxergam na existência delas dentro do curso de Educação Física - Licenciatura.

1. Como era a sua visão de corpo antes de entrar no Curso?

2. Como você achava que a Educação Física enxergava o corpo?

3. Em algum momento durante as aulas de Educação Física Escolar você teve alguma experiência que o fez olhar de forma mais sensível para o seu corpo?

4. Quais experiências sensíveis-corporais você viveu dentro do Curso de Educação Física?

4.1. Relate um pouco essas experiências.

4.2. De que forma elas te marcaram e quais momentos você leva até hoje?

5. O que você sentiu e aprendeu com essas experiências?

6. De que maneira elas impactaram na sua formação enquanto profissional de Educação Física?

7. Como é a sua visão do corpo após ter passado por essas experiências sensíveis-corporais?

8. Você acredita que essas experiências são necessárias dentro do Curso de Educação Física para a formação dos futuros professores? Explique.

9. Você acha que essas experiências mudaram o seu olhar profissional e influenciaram/influenciarão na sua forma de atuação?

10. Como você irá trabalhar com o corpo com seus estudantes?

4.1. APLICAÇÃO DA ENTREVISTA

As entrevistas para este Trabalho de Conclusão de Curso foram aplicadas no período entre os meses de Julho e Agosto de 2023, sendo realizadas no Laboratório de Estudos e Possibilidades do Ser do Instituto de Educação Física e Esportes (LEPSER - IEFES). As entrevistas foram realizadas dentro das normas éticas e respeitando a privacidade entre entrevistador e entrevistado de modo que era realizado somente uma entrevista por vez sem a presença de terceiros. Em cada uma das entrevistas foi apresentado o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o anonimato, o qual foi assinado livre e voluntariamente pelos estudantes entrevistados.

Os estudantes entrevistados pertencem a semestres de 2019.1 a 2023.1 e estão em momentos diferentes do Curso de Educação Física - Licenciatura, de modo que alguns fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e da Residência Pedagógica enquanto outros estão atuando na escola dentro dos estágios obrigatórios. Não houve uma pré-seleção de quais estudantes iriam ser entrevistados, fui a campo em busca dos(as) estudantes que estavam dentro dos critérios de inclusão para a realização das entrevistas semiestruturadas.

Para preservar a identidade dos estudantes entrevistados, utilizou-se a identificação deles por cores, adotando o nome de Sujeitos-Cores. A escolha de utilizar o termo “sujeito” é no sentido de valorizar as/os participantes da pesquisa como sujeitos do conhecimento e não como objetos de estudo. Entretanto, foi angustiante generalizar no masculino “os sujeitos”, mas não identifiquei uma outra forma de nomeá-los(as). A escolha por cores se deu pela representatividade de um espectro de tonalidades específicas que se aproximam, mas não se misturam. Cada cor é uma cor, cada história é uma história. Portanto, quando apresentar “os sujeitos” da pesquisa ao longo deste texto, não estou falando apenas de homens, mas de mulheres.

No quadro abaixo, apresento a relação sujeito, pseudônimo, semestre, gênero e a data da aplicação de cada entrevista aconteceu conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Relação Sujeito-Pseudônimo-Semestre.

SUJEITOS	PSEUDÔNIMO	GÊNERO ⁹	SEMESTRE	DATA DA ENTREVISTA
ENTREVISTA 1	Preto	FEM.	2023.1	28 de Junho de 2023
ENTREVISTA 2	Rosa	FEM.	2022.1	28 de Junho de 2023
ENTREVISTA 3	Laranja	MASC.	2022.1	28 de Junho de 2023
ENTREVISTA 4	Amarelo	FEM.	2020.1	10 de Julho de 2023
ENTREVISTA 5	Vermelho	FEM.	2020.1	10 de Julho de 2023
ENTREVISTA 6	Verde	FEM.	2020.1	17 de Agosto de 2023
ENTREVISTA 7	Azul	FEM.	2019.1	21 de Agosto de 2023
ENTREVISTA 8	Lilás	FEM.	2021.1	01 de Setembro de 2023

⁹ As pessoas que participaram da entrevista se reconhecem como cis-gênero.

ENTREVISTA 9	Bordô	MASC.	2022.1	01 de Setembro de 2023
ENTREVISTA 10	Branco	FEM.	2022.1	01 de Setembro de 2023

Fonte: elaborado pelo autor.

4.2. ANÁLISE DO FENÔMENO

Seguindo o caráter fenomenológico deste Trabalho de Conclusão de Curso, a análise de dados seguiu pela ótica da Fenomenologia. Conforme afirma Oliveira *et al.* (2021, p. 08): “A Fenomenologia se ocupa da análise e interpretação dos fenômenos, mas com uma atitude totalmente diferente das ciências empíricas e exatas. Os fenômenos são os vividos pela consciência, os atos e os correlatos dessa consciência”.

Ao analisar o fenômeno estudado, sob essa perspectiva, essa pesquisa busca desvelar as experiências sensíveis-corporais de discentes da licenciatura a partir das vivências dos entrevistados e busca identificar seus desdobramentos e a relevância para formação/atuação profissional. Para os mesmos autores:

o ponto de partida da investigação fenomenológica é assim, a compreensão do viver do ser humano. O método fenomenológico é, dessa forma, centrado no homem, especificamente na análise do significado e relevância da experiência humana (p. 14).

A análise fenomenológica segue um princípio de três momentos que são, respectivamente: a descrição, a redução e, por fim, a compreensão (Martins, 1999; Bicudo, 1999; Zylberberg, 2007; Depraz, 2008)

O primeiro momento da análise, a descrição, tem como objetivo “escrever para fora” as experiências e vivências de determinado fenômeno, transformando-o em uma escrita palpável que possa ser lida e entendida. Martins *et al.* (1990, p. 43) afirmam nesse sentido que “[...] através das descrições o fenômeno surge. A descrição é um relato de alguém que sabe alguma coisa para alguém que não sabe; não se trata de uma redação ou de um relatório”. Os mesmos autores defendem, ainda, que é por meio das descrições “[...] que o fenômeno situado se ilumina e se desvela para o pesquisador”. Dessa forma, antes de encarar o fenômeno é preciso descrevê-lo para que possa ser entendido. De forma mais profunda, Depraz (2008) pontua que:

Descrever é dizer aquilo que “vemos”, tentando ser o mais completo possível, ou seja, não negligenciar qualquer uma das facetas da coisa, do evento, da situação que constitui o Objeto da descrição; é também, dessa forma, se esforçar em não preencher o propósito com traços

generaliza dores inventados, que não fazem parte da experiência efetiva do Sujeito, os quais sabemos que “muito frequentemente” se dão nesse “tipo” de experiência. Descrever supõe, pois que nos referimos a experiência singular, individualizada no tempo e no espaço, e que nos atemos a ela, mesmo tendo que provar da pobreza de nossa descrição (Depraz, 2008, p. 30).

Oliveira *et al.* (2021) aponta que:

A descrição de algum objeto implica diferenciá-lo de outro, elencando suas características e especificidades. Para que isso aconteça adequadamente, o momento da descrição não pode ser compreendido como um procedimento mecânico de tomada de opinião, mas como um encontro social, uma relação efetiva entre o pesquisador e o pesquisado, caracterizada principalmente pela empatia, intuição e imaginação (Oliveira *et al.*, 2021, p. 18).

Após o pesquisador fazer a descrição dos relatos (neste trabalho a descrição das entrevistas) é que se pode analisá-los e dar continuidade ao processo metodológico, porque terá em mãos, os três elementos principais para a compreensão do fenômeno: a percepção, a consciência e o sujeito.

Uma vez que a etapa da descrição é finalizada, parte-se para o segundo momento da análise fenomenológica: a redução. Conforme pontua Bicudo (1999, p. 22), essa é a etapa em que permite que “[...] os atos da consciência exponham-se, ou seja, para que se tome ciência deles de modo que, pela reflexão, seu componente, sejam explicitadas as raízes cognitivas das próprias afirmações”.

Aguiar e Policarpo (2018, p. 80), observam que a redução é o ponto em que ocorre a “[...] crítica reflexiva dos conteúdos da descrição. Esta etapa compreende a manutenção da descrição na sua forma original, procurando analisar a experiência vivenciada sem a interferência de conceitos pessoais e/ou teóricos”. Desse modo, observa-se, então, que a redução é o momento chave na qual emergem as partes essenciais da descrição do sujeito pesquisado para a compreensão do fenômeno estudado.

A última etapa da análise fenomenológica é a compreensão dos dados descritos e, conseqüentemente, reduzidos de modo a obter os significados essenciais para entendimento do fenômeno. Martins (1992, p. 78) afirma que a compreensão:

[...] não se dá no vazio. Para que ela se manifeste é preciso que haja algo ou alguém que intencionalmente, esteja tentando se comunicar, seja verbalmente, por meio da escrita, ou na maneira própria de se mostrar pedindo um significado. A compreensão é [...] a capacidade fundamental do homem, que lhe permite o acesso aos outros seres humanos como tal, e ao mundo que se lhe mostra (Martins, 1992, p. 78).

O mesmo autor pontua que compreender:

consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conotativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência (Martins, 1992, p. 60).

Oliveira *et al.* (2021, p. 20) discorre sobre a fase da compreensão e afirma que esse é o momento que:

considera o resultado da redução efetivada como um conjunto de unidades de significado, que se mostram significativas para ele, apontando também para a experiência do sujeito que descreve o fenômeno, para a consciência que se tem do fenômeno investigado.

Essas unidades de significados são os pontos-chaves que devem ser compreendidos ao final das descrições reduzidas e surgem como uma forma de analisar o fenômeno. De maneira mais detalhada, Martins e Bicudo (2005) trazem alguns apontamentos sobre essas unidades de significados:

[...] como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. [...] as unidades de significado são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado [...] também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (Martins; Bicudo, 2005, p. 99).

Ao ter em mãos todas as unidades de significados a serem compreendidas é preciso fazer uma síntese das significâncias encontradas de modo a buscar o objetivo que se deseja encontrar na pesquisa, em outras palavras, as convergências, divergências ou idiosincrasias presentes nas descrições feitas. Encontrar esses pontos é compreender, enfim, o fenômeno e seus desdobramentos ao ir além de relatos, expressões, conceitos ou fragmentos de experiência. Oliveira *et al.* (2021) trata disso ao afirmar que:

Para compreender o fenômeno vivido pelo sujeito, é necessário recorrer ao seu discurso, à sua descrição mais ampla possível, com o intuito de conseguir uma maior aproximação com a densidade semântica do fenômeno em estudo. Apenas alguns vocábulos, expressões, conceitos e definições apresentadas não poderão expressar todo o conhecimento em relação ao que está sendo investigado.

(Oliveira et al, 2021, p. 21)

Seguindo esses momentos da análise fenomenológica, as entrevistas gravadas em áudio para este TCC passaram pela descrição, por meio da ferramenta de transcrição de áudio do programa Word da Microsoft 365, cumpriu-se a primeira etapa da análise com a finalidade de obter a versão escrita das entrevistas.

O procedimento realizado em sequência foi o da redução, de modo a separar as unidades de significados de cada depoimento. Ao final da descrição, encontrou-se 163 unidades de significados conforme mostrado no quadro a seguir.

No quadro abaixo, apresento as unidades de significados identificadas de acordo com o Sujeito-Cor correspondente e a sua tradução para a linguagem fenomenológica:

Quadro 2: Unidades de Significados.

SUJEITOS	Unidade de Significado	Tradução para a linguagem fenomenológica
Preto	US1 - (...) <i>“Mecânica. Mecânica pura. Não tinha esse valor do sensorial, de como a gente percebe o mundo e eu não tinha esse valor de ter uma boa relação com o meu corpo”</i> (...)	O entrevistado tinha uma visão mecânica do corpo, ignorando a existência do espectro sensível e não tendo uma relação boa com o próprio corpo.
Preto	US2 - (...) <i>“Era sempre a mesma coisa, como se o corpo não tivesse necessidades próprias e eu nunca tinha sido ensinada a ouvir meu próprio corpo ou entender ele”</i> . (...)	O entrevistado nunca tinha parado para escutar ou entender o corpo e por conta disso não sabia que o mesmo possui necessidades particulares.
Preto	US3 - (...) <i>“Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Eu não tenho uma resposta certa, não saberia dizer”</i> . (...)	O entrevistado revela que nunca havia parado para pensar a forma como a Educação Física enxergava o corpo.
Preto	US4 - (...) <i>“Não. Para você ter uma noção, no meu 2º e 3º Ano do Ensino Médio a Educação Física era apenas dias de Sábado e não era obrigatória. Você indo ou não dava na mesma”</i> . (...)	O entrevistado relata que a presença da Educação Física no 2º e 3º Ano do Ensino Médio escolar era muito superficial, quase inexistente.
Preto	US5 - (...) <i>“Eu não tive nenhuma dessas propostas que trouxesse essa visão não-mecânica, não tinha professor nem</i>	O entrevistado relata que não teve uma Educação Física não-mecânica, que seus professores não apresentaram conteúdos diversificados e muito menos com um

	<i>para trazer o mínimo da Educação Física, quem dirá uma visão mais humana”. (...)</i>	humanizado.
Preto	US6 - (...) <i>“Foram as aulas de Fundamentos Filosóficos e de Formação Rítmica. O projeto Mulheres & Novelos”. (...)</i>	O entrevistado relata as experiências sensíveis-corporais vivenciadas na sua formação até o momento.
Preto	US7 - (...) <i>“Eu me surpreendi muito, e foi maravilhoso, porque nunca era a gente sentado de forma monótona”. (...)</i>	Expressa a surpresa com as experiências de corpo porque nunca eram monótonas, sempre era algo novo.
Preto	US8 - (...) <i>“Em Filosóficos, a aula de andar vendado pelo IEFES foi uma das experiências mais incríveis que eu senti no meu corpo. Outra experiência foi a de estar vendado enquanto um colega descrevia uma imagem no projetor”. (...)</i>	O entrevistado conta sua experiência na Disciplina de Fundamentos Filosóficos e como ela marcou no corpo. Também trouxe um momento que foi mais marcante em seu percurso na Disciplina.
Preto	US9 - (...) <i>“O Mulheres & Novelos trouxe um olhar de cuidado para o meu corpo, porque eu não estava respeitando e cuidando dele, e lá eu entendi que eu sou meu corpo”. (...)</i>	O entrevistado traz a sua vivência de corpo no projeto Mulheres & Novelos e como ela ajudou a despertar um olhar mais cuidadoso e de respeito com o corpo.
Preto	US10 - (...) <i>“Em Formação Rítmica teve uma atividade em que fomos para a sala e ficamos vendados, e dois alunos andavam pela sala com uma matraca e um triângulo e essa leitura de que a gente pode se comunicar com o externo e o externo se comunicar conosco de outras formas é muito importante porque temos essa preparação de que precisamos estar preparados para lidar com todos os sentidos do corpo”. (...)</i>	O entrevistado conta uma das aulas de Formação Rítmica que trouxe a percepção de que o corpo se comunica com o mundo por meio dos sentidos e que é preciso estar pronto para lidar com todos os sentidos e estímulos corporais.
Preto	US11 - (...) <i>“Ah! E também teve o PAS-CHALLENGE, a experiência de produzir meu vídeo, vivenciar experiências com o meu corpo foi surreal”. (...)</i>	O entrevistado resgata a experiência do PAS-CHALLENGE e como vivenciar um processo de produzir um material a partir de experiências no próprio corpo é significativo.

Preto	US12 - (...) <i>“A minha ideia antes de ser professora era algo mais do mesmo, repetir o que os outros já faziam, o que é visto como comum e não foge do básico”</i> . (...)	O entrevistado conta que a sua concepção de corpo antes de passar por essas experiências era de reproduzir a natureza mecânica que foi vivenciado pelo mesmo na escola.
Preto	US13 - (...) <i>“Agora com essas experiências, por exemplo, dentro do PIBID eu levei essa experiência de Formação Rítmica com meus alunos, com materiais recicláveis, e além disso eu tento trazer e colocar em prática essas experiências que eu tive para os meus alunos e respeitar a singularidade e individualidade de cada aluno”</i> . (...)	Após passar por experiências sensíveis-corporais, o entrevistado mudou a sua prática docente e passou a buscar inserir as experiências que vivenciou na graduação nas aulas da escola, respeitando sempre a particularidade de cada aluno.
Preto	US14 - (...) <i>“Eu passei a enxergar cada aluno como um mundo, um Universo, e é preciso entender, escutar e atender as diferenças. Eu não quero só respeitar ou conviver, mas eu quero atender cada detalhe dessa pluralidade”</i> . (...)	O olhar do entrevistado para o corpo dos outros/dos alunos se abriu e ele passou a entender que cada corpo tem suas particularidades que devem ser respeitadas e atendidas.
Preto	US15 - (...) <i>“Minha visão de corpo mudou para construir uma boa relação de afeto primeiro consigo mesmo, com seu corpo, para poder refletir nas pessoas ao nosso redor. Essa é, para mim, a principal forma de conseguir impactar na escola e na vida de um aluno depois que ele sair da escola”</i> . (...)	O entrevistado conta que sua visão de corpo mudou e passou a enxergar com mais força os afetos, buscando ter uma relação de bons afetos consigo mesmo para poder ser um bom afeto no corpo e na vida dos alunos.
Preto	US16 - (...) <i>“Muito. Se não tivessem essas experiências, 90% do que eu te falei aqui não existiria. Porque tudo isso que eu te falei aqui, tudo o que eu aprendi, senti e mudei, só foi possível graças a essas experiências”</i> . (...)	O entrevistado afirma que sem as experiências sensíveis-corporais quase todos esses relatos não existiram e sua visão de corpo não teria mudado.
Preto	US17 - (...) <i>“Sim. Com certeza. Agora eu passei a ser uma pessoa que olha para o humano, deixando de lado a visão mecânica”</i> . (...)	O entrevistado fala que adquiriu um olhar mais humano, longe da visão cartesiana.

Preto	US18 - (...) <i>“Acredito que agora é importante construir e criar laços com seus alunos porque você não vai estar (como professor) só para dar o conteúdo e ir embora. Vai existir um afeto, e é preciso garantir que esse seja um bom afeto para o corpo do aluno”.</i> (...)	O entrevistado reforça a importância do afeto dentro do ambiente escolar e das boas relações com os alunos.
Preto	US19 - (...) <i>“Da forma mais responsável possível porque é outro ser humano, é outro corpo”.</i> (...)	O entrevistado fala que vai trabalhar com o corpo do aluno da forma mais responsável possível.
Preto	US20 - (...) <i>“É muito difícil lidar na prática com o corpo de outra pessoa porque aquele é o espaço dela, o mundo dela, a forma como ela vai se expressar e existir. E você precisa ter o cuidado e o respeito necessário para isso e de se aproximar”.</i> (...)	O entrevistado traz a questão de que é preciso cuidado para lidar e trabalhar com o corpo do outro porque é o espaço particular dele.
Preto	US21 - (...) <i>“Entender os limites de interação e do corpo do meu aluno. Tudo bem que sempre será uma turma grande, mas eu sempre vou buscar entender as limitações do corpo do outro e buscar formas de fazer com que ele experimente a Educação Física”.</i> (...)	O entrevistado aponta que mesmo com turmas grandes vai buscar adotar e trazer o olhar sensível para o corpo para que seus alunos experimentem o máximo da Educação Física.
Rosa	US22 - (...) <i>“Eu acho que eu tinha uma visão, talvez no subconsciente, de que o corpo não é apenas uma máquina. Mas tanto pelas coisas que você passa no dia a dia eu achava que o corpo era apenas uma máquina, que deveria fazer tal coisa”.</i> (...)	O entrevistado conta que, no fundo, ele até tinha uma noção de que o corpo não era apenas uma máquina, mas que pelos estímulos do dia a dia passou a acreditar que seu corpo era mecânico.
Rosa	US23 - (...) <i>“Eu tinha uma visão mais da estética”.</i> (...)	A visão de corpo era voltada principalmente para as questões estéticas.
Rosa	US24 - (...) <i>“Pelas minhas experiências, eu achava que ela via o corpo mais como questões estéticas, não se</i>	O entrevistado traz que, pelas suas experiências escolares, acreditava que a Educação Física olhava para o corpo apenas como um objeto estético.

	<i>preocupava com o bem-estar, mas o que está visível no corpo dela”. (...)</i>	
Rosa	US25 - (...) <i>“Não. Nunca. Eu acho que nenhuma vez na minha vida escolar eu tive algo mais humano, era tudo esporte”. (...)</i>	O entrevistado conta que nunca teve nenhuma vivência de Educação Física que fugisse do ambiente esportivo.
Rosa	US26 - (...) <i>“Eu entrei ainda com a ideia de que a Educação Física era apenas esporte. Tanto é que quando eu entrei e vi que tinha Filosofia eu fiquei, tipo, como assim? Foi quando eu percebi que tudo o que eu sabia sobre a Educação Física e o corpo era totalmente diferente do que eu aprendi”. (...)</i>	Expressa-se o choque ao descobrir que a Educação Física não era apenas esporte e que suas concepções da área e de corpo eram completamente limitadas.
Rosa	US27 - (...) <i>“As experiências que mais me tocaram foram as aulas de Fundamentos Filosóficos e, principalmente, no De Corpos no Mundo, principalmente por ser depois da pandemia, porque fazia tempo que eu não tinha toque físico de verdade”. (...)</i>	O entrevistado traz as experiências sensíveis-corporais que mais marcaram seu percurso, especialmente por serem logo após o período de isolamento social.
Rosa	US28 - (...) <i>“Isso me fez ser muito mais cuidadosa com o corpo do outro, me fazendo perceber que ele passou por certas experiências que o afetaram de jeitos que eu posso não entender, mas devo respeitar”. (...)</i>	O entrevistado aponta que essas experiências despertaram um olhar mais cuidadoso para o corpo do outro, que passou por situações que deixaram marcas que devem ser respeitadas.
Rosa	US29 - (...) <i>“Eu acho que eu tornei meu olhar muito mais humano para as pessoas, tanto para as pessoas ao meu redor quanto para mim mesmo. Me fez pensar em tudo o que me afeta e tomar cuidado na hora de tocar alguém. Me fez ter mais atenção às pequenas coisas do corpo, não apenas ao toque, mas no geral”. (...)</i>	Essas experiências tornaram o olhar mais sensível e humano sobre o corpo, despertando uma atenção ao ato de tocar alguém.

Rosa	US30 - (...) <i>“Outra coisa que mudou foi que eu me tornei mais de toque porque antes eu não gostava de tanto contato físico. Me tornei uma pessoa mais de abraçar, mais espontânea. (...)</i>	O entrevistado relata que essas experiências também mudaram a sua relação com o toque, fazendo-o ser mais aberto ao contato com o outro.
Rosa	US31 - (...) <i>“Esse olhar mais humano me fez ter mais atenção ao que outra pessoa está passando. Agora, antes de chegar brigando ou falando, eu vou buscar entender o que está acontecendo. Me tornou mais sensível, me fazendo querer entender o que está afetando o corpo do outro”. (...)</i>	O entrevistado fala que não vai adotar um pré-julgamento ou postura rígida diante de situações sem entender o que está acontecendo e afetando o corpo do outro.
Rosa	US32 - (...) <i>“Mudou. Eu parei de ver o corpo apenas como uma máquina. Entendi que eu tenho limites e que tenho que respeitá-los ou eu não vou para canto nenhum por ter ultrapassado esses limites. E que se as coisas me afetam, eu preciso buscar melhorar aquilo ou deixar passar”. (...)</i>	O entrevistado conta como sua visão de corpo mudou após passar por essas experiências. Indo de uma visão mecânica para um olhar que entende e respeita os limites do próprio corpo e as coisas que o afetam.
Rosa	US33 - (...) <i>“Então acho que foram coisas que deixaram o corpo mais visível para mim”. (...)</i>	O entrevistado explica que tudo isso fez o corpo se tornar mais próximo, mais visível de si.
Rosa	US34 - (...) <i>“Assim, eu creio que elas sejam necessárias, visto que me mudou e mudou pessoas ao meu redor”. (...)</i>	Aponta que é importante que haja experiências sensíveis-corporais porque mudaram o entrevistado e outras pessoas ao seu redor.
Rosa	US35 - (...) <i>“Eu acho importante porque muda o olhar do outro para o corpo”. (...)</i>	O entrevistado reforça a importância das experiências de corpo porque é algo que muda a visão do que é o espectro corporal.
Rosa	US36 - (...) <i>“Então eu pretendo trabalhar com atenção e cuidado com o corpo dos meus alunos, trabalhando tudo o que deve ser trabalhado, desde questões de esporte, saúde e aspectos sociais”. (...)</i>	O entrevistado explica que irá trabalhar todos os conteúdos da Educação Física com um olhar mais sensível para o corpo.

Laranja	US37 - (...) <i>“Minha visão de corpo não era a que eu tenho agora”</i> . (...)	O entrevistado aponta que a sua visão de corpo era diferente da visão que tem agora.
Laranja	US38 - (...) <i>“Eu venho de uma trajetória sabendo o que seria o corpo, já tinha ideia de que o corpo não era uma máquina, mas seguia olhando mais para o lado espiritual”</i> . (...)	O entrevistado explica que sabia que o corpo não era mecânico, mas tinha o peso de uma visão mais espiritual.
Laranja	US39 - (...) <i>“Mostrava que o corpo não era apenas uma máquina, que também tinha emoção”</i> . (...)	O entrevistado conta que a Educação Física que ele teve enxergava também as emoções do corpo.
Laranja	US40 - (...) <i>“Tive sim. Tive aulas que foram além dos esportes e o meu professor se preocupava muito com o ser, com o outro. Tive uma aula inteira de Primeiros Socorros que me fez olhar com cuidado para o corpo do outro e em todas as aulas o professor perguntava se estávamos bem”</i> . (...)	O entrevistado traz relatos de suas experiências escolares e como o professor se preocupava em tratar com cuidado o corpo do outro.
Laranja	US41 - (...) <i>“No Primeiro Semestre tive as aulas de Fundamentos e o De Corpos no Mundo, que principalmente por ser depois do período de isolamento, foi importante ter esse contato, esse toque. Eu falo mesmo até hoje essa foi uma das experiências mais importantes para mim”</i> . (...)	O entrevistado traz as experiências de corpo que vivenciou até o momento, reforçando que a experiência do projeto De Corpos no Mundo foi uma das mais importantes para ele.
Laranja	US42 - (...) <i>“Eu tento levar isso para o PIBID, essa proximidade, esse cuidado com o corpo do outro”</i> . (...)	O entrevistado busca levar esse olhar sensível e cuidado com o corpo para sua atuação no PIBID.
Laranja	US43 - (...) <i>“Eu aprendi a ter um olhar mais cuidadoso com o corpo do outro”</i> . (...)	Foi desenvolvido um olhar mais cuidadoso para o corpo do outro.
Laranja	US44 - (...) <i>“Aprendi que existem afetos, aprendi que existem detalhes que devem ser respeitados”</i> . (...)	O entrevistado entendeu a questão dos afetos que atravessam o corpo de cada e que eles devem ser respeitados.
Laranja	US45 - (...) <i>“Mesmo sendo o que o corpo que eu for, eu tenho um lado mais</i>	O entrevistado afirma que sempre levará o lado mais sensível do corpo para si e para o

	<i>sensível, de estar junto com o outro. E é isso que eu levo”. (...)</i>	outro.
Laranja	US46 - (...) <i>“Quero ser um espelho do professor que eu tive e quero ser o professor de Educação Física, não um educador físico, que está lá pelo meu aluno, pronto para ajudá-lo” . (...)</i>	Expressa a vontade de ser como o professor de Educação Física que teve na escola, estando junto do aluno para acolhê-lo e entendê-lo.
Laranja	US47 - (...) <i>“O corpo é o que a pessoa é, não importa gênero ou etnia. É o que a pessoa é e temos que respeitar e acolher esse corpo como ele é. Mudou e me fez abrir os olhos para não abordar só a questão estética, e sim o ser”. (...)</i>	O entrevistado afirma que a sua visão de corpo se ampliou, enxergando o corpo além da questão estética ou estigmas que se colocam sobre ele.
Laranja	US48 - (...) <i>“Sim, e se pudesse ter mais experiências assim seria ótimo. Sei que na graduação é tudo muito corrido, mas seria interessante ter mais experiências de corpo, práticas mais humanizadas, de ouvir, acolher e sentir”. (...)</i>	O entrevistado explica que as experiências de corpo são importantes e gostaria que houvesse mais momentos e práticas assim dentro do curso.
Laranja	US49 - (...) <i>“Eu tento já, nas possibilidades que eu tenho, acolher o corpo do meu aluno, mas sabendo ter a postura quando preciso. Quero levar meus alunos a saber que eu não sou uma figura fechada, mas sou um corpo que interage com eles, quero enfatizar isso, esse acolhimento” . (...)</i>	O entrevistado fala que busca levar esse acolhimento, esse corpo aberto e receptivo, para que seus alunos se sintam acolhidos e respeitados.
Laranja	US50 - (...) <i>“Quero contribuir com o aprendizado deles, que eles se percebam corpo, com respeito e acolhida, da forma como eu puder” . (...)</i>	O entrevistado expressa a sua vontade de fazer com que os seus alunos se percebam corpo.
Amarelo	US51 - (...) <i>“Eu acho que eu não tinha um olhar muito sensível para o corpo, via só como algo que eu precisava cuidar, mas nunca relacionado ao meu bem-estar psicológico, nada disso. Sabia que precisava cuidar dele só por saúde” . (...)</i>	O entrevistado afirma que nunca teve um olhar muito sensível para o corpo, apenas sabia que precisava cuidar dele por questões de saúde.

Amarelo	US52 - (...) <i>“Eu acreditava que a Educação Física enxergava o corpo como um padrão a ser alcançado, um ideal estético”.</i> (...)	O entrevistado explica que acreditava que a Educação Física enxergava o corpo apenas como um ideal estético que deveria ser alcançado.
Amarelo	US53 - (...) <i>“Tanto é que quando eu escolhi o Curso, quando eu passei, eu fiquei com receio porque eu não tenho o corpo padrão, mas, ah, eu vim com a ideia que a Educação Física iria esperar um corpo padrão de mim”.</i> (...)	O entrevistado explica que teve receio ao entrar no Curso por acreditar que seria cobrado um corpo tido como padrão.
Amarelo	US54 - (...) <i>“Não, eu nunca tive. As aulas eram bem tradicionais e a relação com o corpo eram bem metódicas, bem saúde, sempre ligadas à prática esportiva. Nunca ligadas ao meu corpo ou ao corpo do outro”.</i> (...)	O entrevistado conta que nunca teve uma experiência sensível de corpo nas aulas de Educação Física escolar, sendo sempre práticas mecânicas e metódicas.
Amarelo	US55 - (...) <i>“O principal é o grupo de dança Oré Anacã, que me faz ter um olhar mais sensível para o meu corpo, me fazendo enxergar coisas que eu posso fazer, mas que eu passei muito tempo achando que eu não conseguia e até de exposição de conseguir mostrar meu corpo”.</i> (...)	O entrevistado conta sua experiência de corpo dentro do grupo Oré Anacã e como isso fez com que ele enxergasse o corpo de uma forma mais sensível, de se mostrar e entender seus próprios limites.
Amarelo	US56 - (...) <i>“Também teve o Gymnarteiros que me permitiram explorar o que eu posso fazer com meu corpo, como a vez em que eu dei mortal”.</i> (...)	O entrevistado conta sua experiência no grupo do Gymnarteiros de explorar o próprio corpo.
Amarelo	US57 - (...) <i>“E o projeto De Corpos no Mundo que me fez ter um olhar diferente e cuidadoso para o corpo do que eu tinha. Teve também as aulas de Fundamentos Filosóficos que me fizeram sentir o corpo de outras formas”.</i> (...)	O entrevistado conta sua experiência de corpo dentro do projeto De Corpos no Mundo e da Disciplina Fundamentos Filosóficos e como elas proporcionaram olhares diferentes e mais cuidadosos para o corpo.
Amarelo	US58 - (...) <i>“Aprendi que o corpo é muito individual de cada um. Antes eu</i>	O entrevistado explica que essas experiências fizeram com que ele aprendesse que o corpo de cada um é particular, com suas

	<i>ficava meio assim quando via alguém fazer um movimento ou um passo que eu não conseguia e demorou um tempo para eu conseguir desconstruir isso e perceber que meu corpo conseguia fazer aquilo que está dentro dos meus limites, assim como eu vou conseguir fazer coisas que os outros não conseguem”. (...)</i>	características e potencialidades.
Amarelo	US59 - (...) <i>“E isso não quer dizer que meu corpo ou o do outro é inferior, apenas que nossos corpos têm particularidades diferentes”. (...)</i>	O entrevistado explica que entendeu que cada corpo possui suas particularidades.
Amarelo	US60 - (...) <i>“Eu acho que sim, faz com que a gente tenha um olhar mais sensível para os alunos. Porque a gente que vem de um ensino mais tradicional e olha para o aluno com um olhar mais humano, mais amplo em relação ao corpo, a gente vê que ele não está atrasado ou errado por fazer algo em um tempo diferente”. (...)</i>	O entrevistado conta como o olhar sensível de corpo fez com que ele percebesse que o fazer diferente não quer dizer que existe algo errado ou algum atraso em seu corpo.
Amarelo	US61 - (...) <i>“Temos o olhar de que cada um tem suas individualidades, suas potencialidades, e a gente leva isso para a vida. Eu, pelo menos, quero levar isso para a vida profissional”. (...)</i>	O entrevistado afirma que deseja levar o olhar humanizado para as individualidades e potencialidades para a sua atuação como professor.
Amarelo	US62 - (...) <i>“Com certeza, porque como nós pretendemos, o Curso de Educação Física como um todo, criar profissionais de Educação Física com um olhar mais sensível e que não vão ficar reproduzindo algo que vem sendo feito de forma mecânica é importante que o professor busque valorizar as capacidades de cada um e respeitando os limites de cada corpo”. (...)</i>	O entrevistado afirma que é importante a existência de experiências de corpo dentro da formação inicial para que o futuro professor de Educação Física possa ter um olhar mais humano para o corpo e não reproduzam mais a visão mecânica de dar aula e perceber o corpo.
Amarelo	US63 - (...) <i>“Eu acho que nosso corpo é uma caixa de surpresas, o instrumento</i>	O entrevistado explica que o corpo é cheio de possibilidades e que é por meio dele que entramos em contato com o ambiente.

	<i>que vamos entrar em contato com o ambiente. É algo que tem que ser agradável a nós mesmos, permitir que a gente faça aquilo que amamos e se descobrir e explorar nosso corpo. Se a gente tem um corpo que não nos limita, podemos olhar para ele de uma forma mais ampla”. (...)</i>	Explica também que se temos um olhar não limitante sobre o nosso corpo então podemos enxergá-lo de forma mais ampla.
Amarelo	US64 - (...) <i>“Eu não vou exercer práticas que faça com que eles pensem que todos os corpos tenham que ser de determinada maneira ou fazer um movimento unicamente de tal forma”. (...)</i>	O entrevistado amarelo fala que não irá ter práticas e posturas que levem seus alunos a pensar todos os corpos como iguais e que devem fazer um movimento do mesmo jeito padronizado.
Amarelo	US65 - (...) <i>“Eu vou olhar para o corpo do meu aluno com práticas que façam eles tenham diferentes olhares para o corpo e que não existe um tipo de corpo certo, um corpo ideal ou perfeito, e que eles são livres para explorar e sentir os seus corpos e descobrir suas individualidades. (...)</i>	O entrevistado amarelo explica que irá olhar para o corpo dos seus alunos com práticas que façam ele perceber que são livres para explorar e sentir seus corpos, descobrir suas individualidades e perceber que cada um tem suas individualidades.
Vermelho	US66 - (...) <i>“Quando eu penso na minha visão de corpo antes de eu entrar no curso eu fico até meio triste porque eu nunca parei para pensar no corpo além de uma carcaça. Uma carcaça” (...)</i>	O entrevistado vermelho conta que sua visão de corpo antigamente era apenas do corpo como uma carcaça e isso o entristecia.
Vermelho	US67 - (...) <i>“Eu nunca parei para pensar que meu corpo me abriga, que permite que eu me movimente, que meu corpo me permite fazer as coisas que eu quero. Eu via apenas o exterior, uma carcaça mesmo”. (...)</i>	O entrevistado vermelho explica que nunca parou para pensar que o seu corpo era seu abrigo que o permitia fazer aquilo que gostava.
Vermelho	US68 - (...) <i>“Eu tinha uma visão, eu acho que até, estereotipada e via que a Educação Física via o corpo como algo padrão, algo musculoso”. (...)</i>	O entrevistado vermelho explica que acreditava que a Educação Física tinha um olhar estereotipado do corpo, vendo-o como um corpo musculoso.

Vermelho	US69 - (...) <i>“Fiquei pensando, até, em como eu iria para um curso que pregava supostamente um corpo padrão e musculoso, sendo que eu não sou assim. E, assim, para mim a Educação Física não via nada de sensível, apenas algo mecanizado, robotizado”.</i> (...)	O entrevistado vermelho conta que tinha receio de entrar no Curso porque não possui um corpo padrão e achava que a Educação Física não via nada além do mecanizado.
Vermelho	US70 - (...) <i>“Não, principalmente em Educação Física. Eu não consigo parar e pensar, na Educação Física escolar, em ter vivido uma experiência sensível de corpo”.</i> (...)	O entrevistado vermelho fala que nunca teve uma aula de Educação Física com uma abordagem mais sensível e humanizada.
Vermelho	US71 - (...) <i>“A Cadeira de Fundamentos Filosóficos teve um papel de reconectar-se consigo mesmo. Era um ambiente de pandemia, de caos, e teve o PAS-CHALLENGE que foi, para mim, um divisor de águas para mim porque vivemos um roteiro de atividades que nos faziam fugir da loucura que estávamos vivendo. Eu lembro que tinha um vídeo de cantar em um idioma totalmente estranho e eu cantei. E amei!”</i> (...)	O entrevistado vermelho explica como a Cadeira de Fundamentos Filosóficos teve um papel importante para se reconectar com o próprio corpo e como o PAS-CHALLENGE fez com que ele tivesse vivências de corpo que o fizeram fugir da loucura da pandemia.
Vermelho	US72 - (...) <i>“E, assim, agora, tem o Gymnarteiros que foi outra experiência que me fez ver o meu corpo como um corpo que pode, que eu sou capaz de fazer uma cambalhota, um rolamento. Foi um momento de descobertas”.</i> (...)	O entrevistado vermelho conta sua experiência no projeto Gymnarteiros e como essa vivência de corpo o ajudou a descobrir coisas que seu corpo pode fazer e entender seus limites.
Vermelho	US73 - (...) <i>“E também tem algumas Disciplinas, como a de Futsal e Futebol, que o professor tem uma abordagem mais humana, que permite viver o esporte e eu descobri que eu gosto de jogar Futsal e Futebol, só nunca foi me dado a chance de viver esse esporte fora do olhar mecânico”.</i> (...)	O entrevistado vermelho explica como a abordagem mais humana do professor de Futsal e Futebol permitiu que ele pudesse vivenciar essa modalidade e descobrir que ele gosta de jogar Futsal, mas que nunca teve a chance de experimentá-lo fora do olhar mecânico de corpo.

Vermelho	US74 - (...) <i>“Descobrir que o corpo não é uma carcaça ou só matéria. Ele nos abriga, ele permite que a gente sinta, que a gente se movimente. Eu aprendi que a gente tem que respeitar o seu corpo e o corpo do outro”.</i> (...)	A visão de corpo do entrevistado vermelho mudou e ele agora entende que o corpo é como um abrigo que nos permite sentir, se movimentar e que merece respeito.
Vermelho	US75 - (...) <i>“E que cada um tem seus limites, mas também as suas capacidades. E que se a gente não se permitir tentar, experimentar e sentir a gente não vai poder viver. Ficou a capacidade de poder se reinventar e se redescobrir.”</i> (...)	O entrevistado vermelho explica que leva dessas experiências o entendimento dos limites e capacidades de cada um e que precisamos nos permitir tentar para se reinventar e se redescobrir.
Vermelho	US76 - (...) <i>“Hoje eu tenho uma visão muito diferente da minha atuação como professora”.</i> (...)	O entrevistado vermelho afirma que essas experiências de corpo mudaram sua atuação como docente.
Vermelho	US77 - (...) <i>“Eu vejo que meus alunos são corpos que precisam experimentar, precisam sentir, porque nós somos responsáveis por proporcionar práticas de corpo que eles provavelmente nunca veriam fora da Educação Física escolar. Eu saio sabendo que eu tenho uma responsabilidade, mas também sabendo que nosso corpo é o nosso templo. Temos que respeitar nosso corpo e o corpo do outro e que ele é uma infinidade de possibilidades”.</i> (...)	O entrevistado vermelho explica que entende que os seus alunos são corpos que precisam sentir, experimentar e viver e que os professores têm a responsabilidade de proporcionar essas experiências. Ele afirma também que entende que o corpo é o nosso templo e que devemos respeitá-lo e respeitar o templo/corpo do outro.
Vermelho	US78 - (...) <i>“Com toda certeza. Porque o nosso curso é estigmatizado e precisamos quebrar o paradigma de que a Educação Física é só para formar um corpo padrão, mecanizado. Temos que enxergar que o corpo é mais do que isso”.</i> (...)	O entrevistado vermelho afirma que as experiências sensíveis-corporais são importantes para quebrar o paradigma da Educação Física que olha o corpo apenas como algo mecânico.
Vermelho	US79 - (...) <i>“Eu vou fugir dessa questão tradicional e mecanizada e seguir na questão multicultural. Pretendo proporcionar para eles experiências que</i>	O entrevistado vermelho explica que irá fugir do olhar mecânico e proporcionar o máximo de práticas e experiências possíveis, respeitando o seu corpo e o corpo do outro.

	<i>eu não vivi, que eles tenham o máximo de vivências possíveis e respeitem o seu corpo e o corpo do outro”. (...)</i>	
Vermelho	US80 - (...) <i>“Quero que eles aprendam que o corpo é muito mais do que uma caixinha, uma coisa física, e que nosso corpo é algo muito mais importante e deve ser explorado, sentido”. (...)</i>	O entrevistado vermelho fala que busca fazer com que seus alunos vejam o corpo além do aspecto físico, como algo que deve ser explorado e sentido.
Verde	US81 - (...) <i>“Corpo somente como matéria, como algo que te ajuda no dia a dia como matéria física. A fazer uma atividade, se movimentar”. (...)</i>	O entrevistado verde explica que enxergava o corpo apenas como algo físico e que permitia realizar movimentos.
Verde	US82 - (...) <i>“Achava que ela via o corpo somente como algo para praticar esportes, realizar movimentos, que via o corpo apenas como matéria orgânica”. (...)</i>	O entrevistado verde conta que acreditava que a Educação Física enxergava o corpo apenas como um meio para praticar esportes ou realizar movimentos.
Verde	US83 - (...) <i>“Não lembro bem, mas creio que sim, principalmente quando junto uma aula de Projeto de Vida com Educação Física. Não lembro bem especificamente, mas foi um momento de ver o corpo como um meio de se expressar, sentir e afins”. (...)</i>	O entrevistado verde conta de uma única experiência que olhou para o corpo de forma mais humana, vendo-o como uma forma de se expressar e sentir.
Verde	US84 - (...) <i>“A Disciplina de Fundamentos Filosóficos, quando foi mostrado novas formas de enxergar o corpo, de cuidar não só do físico, mas do mental também. Teve a experiência do De Corpos no Mundo que nos fez pensar na vida, no corpo”. (...)</i>	O entrevistado verde conta a experiência de corpo na Disciplina de Fundamentos Filosóficos e como ela permitiu que ele visse o corpo além do aspecto físico. Ele conta também da experiência no projeto De Corpo no Mundo e como ela o fez pensar no corpo e na vida.
Verde	US85 - (...) <i>“Eu acho que não fui tão tocada por conta do período remoto, foi bem mais complicado, mas foi algo muito vago porque não tivemos tanto contato, sabe. Me senti distante”. (...)</i>	O entrevistado verde explica que não se sentiu tão tocada por conta do período remoto e que isso tirou uma boa parte do contato, fazendo-o se sentir distante.
Verde	US86 - (...) <i>“Mudou, eu me tornei uma professora mais humana. Eu não quero</i>	O entrevistado verde afirma que essas experiências o tornaram mais humano e que

	<i>mais que os alunos façam tal prática, tal movimento, mas que entenda a visão de cada um sobre algo e como o corpo reage, interage e se afeta”. (...)</i>	busca fazer com que seus alunos tenham uma visão de corpo mais sensível.
Verde	US87 - (...) <i>“Sim, com certeza. Especialmente para quebrar o mito de que a Educação Física enxerga o corpo de um jeito só, que é só prática e que forme professores mais humanos. Que enxergue que o corpo não é apenas físico”. (...)</i>	O entrevistado explica que as experiências sensíveis-corporais são essenciais para quebrar o mito da Educação Física que enxerga apenas o corpo mecânico e os aspectos físicos.
Verde	US88 - (...) <i>“Creio, espero muito, que eu leve para a sala de aula esse olhar mais humano, que veja o corpo além da matéria, pensando os aspectos psicológicos, sua história. Trabalhar o corpo de forma integral”. (...)</i>	O entrevistado verde explica que deseja levar o olhar mais humano do corpo em sua prática pedagógica, trabalhando o corpo de forma integral.
Azul	US89 - (...) <i>“Eu já enxergava que o corpo era além de só carne”. (...)</i>	O entrevistado azul fala que entendia o corpo para além do físico.
Azul	US90 - (...) <i>“Tem um filósofo que eu gosto muito, o Schopenhauer, que fala que o corpo é a nossa verdade. Eu me sentia atraída por alguém, então era por meio do meu corpo que eu lidava com isso, com os sentimentos”. (...)</i>	O entrevistado azul partilha uma visão de corpo que ele gosta, a de Schopenhauer, de que o corpo é a verdade de cada um, que lida com as vontades e sentimentos.
Azul	US91 - (...) <i>“Para mim o corpo sempre foi a chave para conseguir fazer algo novo, me expressar, era o que me possibilitava me deslocar de um lugar para o outro. Para mim o corpo era tudo isso”. (...)</i>	O entrevistado azul explica que o corpo para ele sempre foi tudo, o meio que nos permite se expressar e se deslocar de um lugar para o outro.
Azul	US92 - (...) <i>“Para mim era como se fosse uma visão única de que o corpo era só o mecânico para jogar, dançar. Era a prática pela prática, sem sentimentos”. (...)</i>	O entrevistado azul fala que acreditava que a Educação Física tinha um olhar mecânico sobre o corpo, enxergando a prática pela prática.
Azul	US93 - (...) <i>“Não, nunca aconteceu. Nunca tive nenhuma experiência”. (...)</i>	O entrevistado azul conta que nunca teve uma experiência sensível de corpo nas aulas

		de Educação Física escolar.
Azul	US94 - (...) <i>“Tive momentos desde o primeiro Semestre eu tive várias experiências. Foi na Disciplina de Fundamentos Filosóficos em que eu toquei objetos que eu não sabia o que era, e foi muito bom, e outros momentos em que eu estava dançando vendada, mas tive uma crise de pânico”</i> . (...)	O entrevistado azul conta sobre a experiência de corpo na Disciplina de Fundamentos Filosóficos e como alguns desses momentos tiveram desdobramentos intensos.
Azul	US95 - (...) <i>“Eu não tive problemas em tocar e ser tocada, mas não tinha uma boa relação com a dança e ao dançar eu senti coisas em relação ao meu corpo que me travou, que foi para além do toque. Isso me arrepiou, me deu calafrios, fui de um extremo muito bom a outro não tanto”</i> . (...)	O entrevistado azul explica que não teve problemas em ser tocado ou tocar, mas que nunca teve uma boa relação com a dança e ao dançar ele sentiu coisas que não sabia como lidar.
Azul	US96 - (...) <i>“Tive a Disciplina de Dança e a forma como o professor abordou isso foi muito cuidadosa. Eu ressignifiquei minha relação com a dança, como meu corpo se sente quando dança porque sei que isso é algo importante para os meus alunos. Todos os momentos em que eu experimentei a dança eu fui muito bem acolhida”</i> . (...)	O entrevistado azul conta da experiência na Disciplina de Dança e como isso ressignificou a sua relação com a dança e como seu corpo se sente ao dançar, contando que ao experimentar a dança de forma humana ele se sentiu acolhido.
Azul	US97 - (...) <i>“Foram momentos em que eu senti meu corpo de outras formas, formas boas, que me permitiu abrir mais, experimentar coisas que eu achava que não conseguia fazer”</i> . (...)	O entrevistado azul conta que essas experiências o permitiram se abrir mais e experimentar coisas que ele sabia que conseguia fazer.
Azul	US98 - (...) <i>“Também teve a prática de Rugby e a Atletismo II que, pela forma cuidadosa como foi conduzida, me permitiu experimentar e vivenciar práticas sem me preocupar com a técnica tão correta, buscando a perfeição. Foi muito bom”</i> . (...)	O entrevistado azul conta de outras experiências que ele teve e que proporcionaram a vivência fora da visão mecânica que busca a perfeição da técnica correta.

Azul	US99 - (...) <i>“Mudou muito meu olhar para a prática, principalmente para a dança. Parei de enxergar, por exemplo, que as meninas dançavam só para rebolar ou que os meninos só sabiam jogar Futebol”.</i> (...)	O entrevistado azul explica que as experiências de corpo mudaram seu olhar sobre a prática.
Azul	US100 - (...) <i>“Me fez trazer novas experiências e incentivar meus alunos a fazer porque na escola não era que eu não queria fazer, eu tinha vergonha e medo de errar”.</i> (...)	O entrevistado azul conta que isso o tornou motivador dos seus alunos para que pudessem vivenciar sem medo ou vergonha de errar.
Azul	US101 - (...) <i>“Quando estava na escola, eu falava “Não quer fazer agora? Tudo bem, fica vendo um pouco. Quando você quiser fazer, eu posso fazer contigo”.</i> Eu ficava lá, mesmo que não fosse em dupla, para motivar ele”. (...)	O entrevistado azul fala de uma prática que ele adotou na escola, sendo essa de ficar ao lado dos alunos para motivá-los.
Azul	US102 - (...) <i>“Além da variedade, eu acho que o meu olhar mudou sobre certas atitudes e atividades, gostos e desgostos, trabalhando em cima das segregações. Tentar juntar todos com respeito”.</i> (...)	O entrevistado azul explica como seu olhar mudou sobre todos os aspectos do corpo e que agora ele tenta juntar todos com respeito.
Azul	US103 - (...) <i>“Eu acho que a minha visão de corpo mudou no sentido de cuidar do meu corpo. Já tinha o olhar sentimental, mas mudou no sentido de que eu quero experimentar tal coisa, então eu preciso cuidar dele para que eu possa vivenciar”.</i> (...)	O entrevistado azul explica como sua visão de corpo mudou no sentido de cuidar do corpo para que ele possa continuar sentindo, experimentando e vivendo.
Azul	US104 - (...) <i>“Mudou o olhar para o corpo no tentar de forma segura, respeitando meus limites. Se eu quero tentar fazer algo, vou fazendo do gradual, indo aos poucos”.</i> (...)	O entrevistado azul fala que sua visão para o corpo também mudou ao respeitar os limites do que pode fazer, experimentando as coisas de forma gradual.
Azul	US105 - (...) <i>“E da mesma forma eu instruo os meus alunos, e o que eu digo é que eles não sabem ainda, mas que ele</i>	O entrevistado azul explica que ele busca levar essa visão para seus alunos, fazendo-os aprender devagar, experimentando com o corpo deles dentro do que eles conseguem

	<i>vai aprendendo devagar, com o corpo dele”. (...)</i>	fazer.
Azul	US106 - (...) <i>“Eu acredito que elas são necessárias. A pessoa que passa pelo curso sem ter essas experiências, seja Licenciatura ou Bacharelado, se torna um professor ou um técnico muito fraco”. (...)</i>	O entrevistado azul afirma que essas experiências sensíveis-corporais são extremamente necessárias porque o estudante que passa pelo curso sem elas se torna um professor muito fraco.
Azul	US107 - (...) <i>“É um técnico que muitas vezes vai cobrar excelência de uma técnica, mas não vai ensinar a base para chegar lá”. (...)</i>	O entrevistado azul explica que o técnico que passa sem ter experiências de corpo se torna alguém que cobrará apenas a técnica excelente.
Azul	US108 - (...) <i>“Ou vai ser um professor que não vai valorizar as pequenas participações do aluno. É aquele professor, também, que não vai incentivar, não vai ter um olhar mais sensível e até crítico. Só vai dar a teoria porque não vai saber dar a prática em si, não vai respeitar a segurança e os limites do corpo do outro”. (...)</i>	O entrevistado azul explica que o professor que se forma sem essas experiências não irá valorizar as pequenas participações dos alunos e tampouco ter o olhar sensível para incentivá-los. Será o professor que apenas dará a teoria e não respeitará os limites e segurança do corpo do aluno.
Azul	US109 - (...) <i>“O primeiro ponto que eu vou partir ao trabalhar o corpo dos meus alunos é o respeito”. (...)</i>	O entrevistado azul afirma que vai partir do respeito para trabalhar com o corpo dos seus alunos.
Azul	US110 - (...) <i>“Eu tenho uma visão sobre mim e sobre o meu corpo e eles têm as visões deles. O respeito traz o cuidado, a atenção”. (...)</i>	O entrevistado azul explica que cada um tem uma visão sobre seu corpo e que respeitar cada uma delas gera cuidado e atenção.
Azul	US111 - (...) <i>“Eu quero poder ser para os meus alunos uma facilitadora de possibilidades, possibilitar vivências, experiências em que eles possam utilizar o corpo da forma como faz sentido, seja jogando, fazendo Parkour, dançando”. (...)</i>	O entrevistado azul expressa a sua vontade em ser um facilitador de possibilidades para que os alunos possam se expressar por meio do corpo da forma como fizer sentido.
Azul	US112 - (...) <i>“Busco fazer com que eles tragam sentidos por meio do corpo deles naquilo que eles estão fazendo,</i>	O entrevistado azul explica que busca fazer com que seus alunos tragam sentidos por meio do corpo e entendam que não fazemos

	<i>que eles percebam que não fazemos as coisas apenas por fazer”. (...)</i>	nada apenas por fazer.
Lilás	US113 - (...) <i>“Não era uma coisa que eu me indagava muito. Para mim era mais só o externo, não tinha tanta importância”. (...)</i>	O entrevistado lilás conta que sua visão de corpo não era algo que ele indagava muito e o enxergava mais como o externo sem muita importância.
Lilás	US114 - (...) <i>“Tinha a questão da aparência e tal, mas não era, para mim, o principal na nossa existência”. (...)</i>	O entrevistado lilás fala que o corpo se limitava apenas à aparência.
Lilás	US115 - (...) <i>“Eu acho que o único pensamento que eu tenho sobre isso é que a Educação Física pensava em ter apenas um corpo saudável, seja físico ou psicologicamente. Só na saúde excessiva” (...)</i>	O entrevistado lilás explica que para ele a Educação Física enxergava o corpo apenas como algo que precisava se manter saudável.
Lilás	US116 - (...) <i>“Nunca aconteceu, não me recordo de nenhuma aula de Educação Física escolar que parou para abordar o corpo. Lembro só de aulas diferentes, como de arco e flecha ou anatomia, mas nunca um olhar mais humano. Não teve nada que me fizesse olhar para o corpo de forma diferente”. (...)</i>	O entrevistado lilás conta que não se recorda de nenhuma aula que abordou o corpo de forma sensível ou humana e que as únicas aulas diferentes eram as que traziam uma nova modalidade esportiva ou conceitos biológicos.
Lilás	US117 - (...) <i>“Teve a Disciplina de Fundamentos Filosóficos, que logo de cara faz a gente pensar, se questionar e ver o corpo de outras formas”. (...)</i>	O entrevistado lilás conta da experiência corporal na Disciplina de Fundamentos Filosóficos e como ela o fez se questionar e ver o corpo de forma plural.
Lilás	US118 - (...) <i>“Tem também o projeto Mulheres & Novelos, que eu participo desde que eu entrei no Curso. Nossa, eu acho que se eu faltei três encontros desde que eu entrei foi muito”. (...)</i>	O entrevistado lilás conta da sua experiência no projeto Mulheres & Novelos e como foi tão marcante que desde que entrou quase não faltou.
Lilás	US119 - (...) <i>“Para mim, o Mulheres & Novelos me chamou a atenção por tratar um tema de saúde feminina, o corpo feminino, e eu queria aprender mais sobre isso. E me mostrou muito</i>	O entrevistado lilás conta que a experiência de corpo dentro do Mulheres & Novelos despertou a vontade de aprender mais sobre o corpo feminino e todas as questões e que dentro do projeto pôde dançar, fazer yoga e conversar sobre o corpo.

	<i>mais. Fiz yoga, dancei, conversei sobre o corpo”. (...)</i>	
Lilás	<i>US120 - (...) “O Gymnarteiros também foi algo que me fez ter uma experiência sensível de corpo, entender limites e tal. Isso foi motivado pela Cadeira de Ginástica I, em que a professora aborda as aulas de uma forma muito humana, fazendo a gente ter a consciência do corpo de onde tem que ter força, postura, limites e se entender”. (...)</i>	O entrevistado lilás conta de suas experiências de corpo no projeto Gymnarteiros e na Disciplina de Ginástica I e como elas foram importantes para que ele entendesse sobre os limites e potencialidades de cada corpo, criando consciência sobre postura e onde precisa se colocar força para realizar um movimento.
Lilás	<i>US121 - (...) “Dessas experiências ficou um olhar mais humano para o corpo do outro porque a gente não sabe o que o outro está passando, como o corpo dele está. Todas essas experiências fazem a gente melhorar no sentido de enxergar o outro além de si mesmo, sabe”. (...)</i>	O entrevistado lilás explica que leva dessas experiência sensíveis-corporais que é preciso enxergar o outro além de si mesmo.
Lilás	<i>US122 - (...) “Com certeza, até pelo fato de me fazer pensar nisso. Criei uma visão que vai além do corpo estético, mas olhando aspectos humanos, motores, até mesmo sensíveis. A gente vê que o corpo é amplo e tem que ser trabalhado em diversos aspectos”. (...)</i>	O entrevistado lilás explica que essas experiências fazem com que você pense e reflita sobre o corpo, desenvolvendo um olhar para os aspectos humanos, motores e sensíveis do corpo.
Lilás	<i>US123 - (...) “Sim, com toda certeza. Essas experiências são necessárias para a Licenciatura, para o Bacharelado”. (...)</i>	O entrevistado lilás afirma que essas experiências de corpo são essenciais para os estudantes de Educação Física em formação.
Lilás	<i>US124 - (...) “Eu acho que tem experiências aqui que todo mundo deveria ter, não só quem é do curso”. (...)</i>	O entrevistado lilás afirma que existem experiências de corpo que todos deveriam vivenciar e não apenas os estudantes do curso.
Lilás	<i>US125 - (...) “Eu acho que ainda tenho muita coisa para aprender, mas eu acho que todas essas experiências me fizeram melhorar, sendo mais participativa na vida dos alunos, que entenda eles, que</i>	O entrevistado lilás explica que todas essas experiências de corpo o fizeram ser mais participativo na vida dos seus alunos, entendendo-os, ouvindo-os e sendo um bom afeto.

	<i>converse com eles. Que não vá lá só para dar aula. Que ouça, que entenda as explosões e que cada um tem uma maneira de ver o mundo”. (...)</i>	
Lilás	US126 - (...) <i>“Eu acho que é muito importante, para quem sai da Licenciatura, entender que o corpo não é apenas questões estéticas”. (...)</i>	O entrevistado lilás afirma que é fundamental para quem sai da Licenciatura em Educação Física entender que o corpo não se resume a questões estéticas.
Lilás	US127 - (...) <i>“Eu acho importante mostrar que os esportes e as outras práticas corporais colocam o corpo para sentir e viver coisas diferentes, e é importante que eles tenham essas vivências”. (...)</i>	O entrevistado lilás fala que acredita ser importante que os alunos tenham vivências de corpo para sentir e experimentar o máximo de possibilidades.
Bordô	US128 - (...) <i>“A minha visão de corpo antes do curso era uma visão superficial, que dependia muito do momento em que eu vivia”. (...)</i>	O entrevistado bordô conta que a sua visão de corpo antes de entrar no curso era superficial e dependia do momento de vida.
Bordô	US129 - (...) <i>“Eu entendia o corpo como uma máquina que você acorda, vai trabalhar. No meu caso ir para a escola”. (...)</i>	O entrevistado bordô explica que entendia o corpo como uma máquina que repetia as mesmas ações dia após dia.
Bordô	US130 - (...) <i>“Então eu via como uma máquina, um corpo e dias robotizados. Não tinha atenção para o corpo. Eram dias robotizados, não tinha cuidado nenhum com meu corpo. Acordava, ia para a escola, voltava, dormia e começava tudo de novo”. (...)</i>	O entrevistado bordô conta que não dava atenção ao corpo e seguia os dias de forma mecânica.
Bordô	US131 - (...) <i>“Eu nunca achei que a Educação Física pudesse pensar no corpo além da aptidão física, porque nas minhas aulas, por exemplo, tudo o que eu vi foram testes físicos como o Teste de Cooper”. (...)</i>	O entrevistado bordô afirma que nunca pensou que a Educação Física pudesse pensar no corpo além das questões físicas por conta de suas vivências escolares.
Bordô	US132 - (...) <i>“Não sei se poderia definir como corpo, mas teve uma atividade no Terceiro Ano em uma aula de Educação</i>	O entrevistado bordô fala de uma experiência do seu Terceiro Ano do Ensino Médio em que na Educação Física o professor pediu

	<i>Física em que o professor pediu para falar algo que tenha nos marcado ou afetado e foi muito forte isso”. (...)</i>	que eles compartilhassem algo que havia os marcado ou afetado.
Bordô	US133 - (...) <i>“Eu cheguei a chorar por conta do relato de uma das minhas amigas e em determinado momento da atividade, e, olha, eu refleti muito sobre o lado emocional que a gente não trabalha”. (...)</i>	O entrevistado bordô conta que chegou a chorar por causa disso e refletiu muito sobre as questões emocionais que não são trabalhadas.
Bordô	US134 - (...) <i>“Principalmente na escola. E eu vi que tem muita gente que guarda tudo para si. Acho que a resposta pode ser sim”. (...)</i>	O entrevistado bordô concluiu que tem pessoas que guardam tudo para si mesmo e que no final das contas teve uma única experiência de corpo na escola.
Bordô	US135 - (...) <i>“Acho que a primeira experiência foi nas aulas de Fundamentos Filosóficos em que viemos para a Sala 05 e fizemos a experiência no escuro, o De Corpos no Mundo, onde tocamos as obras, conversamos e partilhamos”. (...)</i>	O entrevistado bordô relata sua experiência de corpo na Disciplina de Fundamentos Filosóficos e no projeto De Corpos no Mundo.
Bordô	US136 - (...) <i>“Teve práticas em aula também com um espelho que nos fez olhar, olhar para o próprio corpo, e que me fizeram ver o corpo de outras formas”. (...)</i>	O entrevistado bordô conta uma experiência prática com um espelho que o fez refletir e enxergar o corpo de outras formas.
Bordô	US137 - (...) <i>“Eu aprendi que quando eu for professor eu tenho que deixar de lado o modelo de aula que eu tinha de o professor chegar e só falar, falar e o aluno ir para casa”. (...)</i>	O entrevistado bordô explica que aprendeu com essas experiências que é preciso deixar de lado o modelo de aula em que o professor chega, passa o conteúdo e vai embora.
Bordô	US138 - (...) <i>“Quando eu for professor, eu vou enxergar o aluno de uma forma mais humana”. (...)</i>	O entrevistado bordô afirma que quando for professor irá enxergar o aluno de forma mais humanizada.
Bordô	US139 - (...) <i>“A minha visão de corpo hoje é reafirmando o que eu disse antes: as pessoas precisam ser ouvidas e precisam se sentir confortáveis em</i>	O entrevistado bordô explica que sua visão de corpo agora é de que todos os corpos devem ser vistos, ouvidos e se sintam confortáveis para isso.

	<i>serem ouvidas. Mais do que ouvidas, devem ser vistas”. (...)</i>	
Bordô	US140 - (...) <i>“Muito, essas experiências me fizeram pensar muito porque a gente vai lidar com turmas de diferentes idades. Eu acho que a experiência de corpo é essencial para que a gente tenha uma troca com nossos alunos”. (...)</i>	O entrevistado bordô reflete que essas experiências de corpo são importantes para lidar com diferentes turmas e que haja uma troca de afetos entre o professor e os alunos.
Bordô	US141 - (...) <i>“Eu vou trabalhar com o corpo deles me baseando nas experiências que eu tive na Faculdade, tentando levar um pouco para a sala de aula, principalmente no ouvir, no acolher”. (...)</i>	O entrevistado bordô afirma que vai trabalhar com o corpo dos seus alunos tentando levar suas experiências sensíveis-corporais para o ambiente escolar, principalmente na parte de ouvir e acolher.
Bordô	US142 - (...) <i>“Se eles estiverem passando por algum problema ou precisando desabafar, eu vou estar lá, ouvir o corpo deles, ter um respeito”. (...)</i>	O entrevistado bordô explica que terá o respeito de estar junto de seus alunos para o que for preciso, ouvindo seus corpos e sendo acolhedor.
Branco	US143 - (...) <i>“A minha visão de corpo era algo mais mecanicista, em que a gente só tinha que produzir”. (...)</i>	O entrevistado branco afirma que a sua visão de corpo era mecânica, que o corpo tinha apenas que produzir.
Branco	US144 - (...) <i>“E no momento em que eu entrei no Curso eu me surpreendi muito porque logo no primeiro Semestre teve a Cadeira de Fundamentos Filosóficos que causou uma reconstrução da visão que a gente tinha do corpo”. (...)</i>	O entrevistado branco conta que no momento em que entrou no curso se surpreendeu porque logo no primeiro Semestre teve a experiência corporal da Disciplina de Fundamentos Filosóficos que provocou uma reconstrução da visão que ele tinha sobre o corpo.
Branco	US145 - (...) <i>“Isso me deixou assustada porque eu pensei que eu finalmente estava começando a entender o que é o corpo. Ir em uma sala de olhos vendados no escuro, por exemplo, em que você tem que “ver” as coisas com os outros sentidos me tocou muito e me fez ver essa relação de uma forma diferente”. (...)</i>	O entrevistado branco explica que isso o assustou porque ele estava finalmente começando a entender o corpo e os sentidos de formas diferentes.

Branco	US146 - (...) <i>“Seguia, mas não seguia. Eu acreditava que a Educação Física era focada no produzir, mas na questão do esporte, tinha que correr, nadar, entre outros. Achava que a visão da Educação Física era mecanicista”.</i> (...)	O entrevistado explica que acreditava que a Educação Física olhava de forma mecânica para o corpo e buscava fazer com que o corpo tivesse unicamente que correr ou nadar.
Branco	US147 - (...) <i>“No PIBID a gente tenta levar essas experiências da Faculdade para lá. A gente planeja as aulas e em uma delas abordamos a Biodança e teve certa resistência porque eles tinham que dançar em duplas e dançar de acordo com o que eles estavam sentindo no momento, mas no final até que deu certo”.</i> (...)	O entrevistado branco conta que ele tenta levar essas experiências para a escola onde faz o PIBID e que às vezes existe resistência a certas práticas, como a da Biodança, mas que no fim elas dão certo.
Branco	US148 - (...) <i>“Isso despertou na professora um estalo de que ela poderia trazer esses momentos em outras aulas”.</i> (...)	O entrevistado branco conta que isso fez a professora refletir sobre trazer esses momentos para outras aulas.
Branco	US149 - (...) <i>“Na minha experiência de aluna eu nunca tive uma aula dessa, era sempre rola bola”.</i> (...)	O entrevistado branco relata que na sua Educação Física escolar nunca teve nenhuma experiência sensível de corpo.
Branco	US150 - (...) <i>“Teve a Cadeira de Fundamentos Filosóficos e Formação Rítmica que me ajudaram a soltar meu corpo, romper certas barreiras e me aventurar em outras experiências”.</i> (...)	O entrevistado branco conta as experiências de corpo que teve nas Disciplinas de Fundamentos Filosóficos e Formação Rítmica que o fizeram romper com certas barreiras e se permitir viver novas experiências.
Branco	US151 - (...) <i>“Ficou o aprendizado de que eu quero levar para os meus alunos que a Educação Física é um mundo de coisas que vai além do Futebol ou dos esportes em geral e que é possível trazer o corpo em todos eles de muitas formas diferentes”.</i> (...)	O entrevistado branco explica que ficou de aprendizado de todas essas experiências que é possível trazer o corpo de diferentes formas e que existe um leque de possibilidades que ele deseja trazer para seus alunos.
Branco	US152 - (...) <i>“Eu quero trabalhar muito essa questão do corpo”.</i> (...)	O entrevistado branco afirma que quer trabalhar com essa questão do corpo quando for professor.

Branco	US153 - (...) <i>“No começo do curso eu tinha uma visão muito fechada da Educação Física e no momento em que eu comecei a ter contato com professores-pesquisadores eu comecei a observar uma coisa que me encantou muito: a pesquisa”.</i> (...)	O entrevistado branco explica que sua visão sobre a Educação Física era muito fechada e que após o contato com professores-pesquisadores ele começou a abrir essa visão e se encantar com a pesquisa.
Branco	US154 - (...) <i>“Uma dessas professoras trabalha a questão das práticas corporais de aventura e isso é algo que eu quero fazer porque é uma vivência de corpo para os meus alunos”.</i> (...)	O entrevistado branco explica que uma dessas professoras-pesquisadoras pesquisa sobre as práticas corporais de aventura e esse é um tema que ele deseja trazer para que seus alunos possam vivenciar com o corpo.
Branco	US155 - (...) <i>“Não apenas isso, mas abriu meus olhos para práticas corporais que eu quero proporcionar aos meus alunos”.</i> (...)	O entrevistado branco reflete que isso abriu seus olhos para as práticas corporais que ele pretende proporcionar aos seus alunos.
Branco	US156 - (...) <i>“Sentidos. Eu acho que nosso corpo é sentidos. Eu tento colocar para mim algo mais sensível, até mesmo no tocar”.</i> (...)	O entrevistado branco afirma que sua visão de corpo agora enxerga com mais força os sentidos e que ele tenta colocar algo mais sensível até mesmo no ato de tocar.
Branco	US157 - (...) <i>“Eu acho que o corpo é sentido, que fala muito o que o outro sente e expressa”.</i> (...)	O entrevistado branco conta que o corpo é sentido e que fala muito o que sentimos e expressamos.
Branco	US158 - (...) <i>“Todas experiências são muito necessárias. Se não tivessem essas experiências, seria bem complicado, mais do que já é”.</i> (...)	O entrevistado branco afirma que essas experiências sensíveis-corporais são necessárias porque sem elas as coisas seriam mais complicadas do que já são.
Branco	US159 - (...) <i>“Talvez algum desses professores rola-bola tenha passado por experiências como essa, mas por algum motivo não aplica o que viveu. Eu entendo toda a questão do sistema, ter muitas turmas, mas a partir do momento em que você tem esse conhecimento, essas experiências, e você pode levar tudo isso para os seus alunos para que no futuro eles entrem no curso de</i>	O entrevistado branco explica que alguns professores rola-bola também tiveram experiências sensíveis de corpo, mas que por algum motivo ele não as aplica. O entrevistado branco continua e diz que entende toda a questão do sistema, mas que seria muito melhor se o professor de Educação Física passasse esses conhecimentos para que os alunos soubessem o quão amplo é o corpo.

	<i>Educação Física já sabendo o que é o corpo, seria muito melhor, sabe”. (...)</i>	
Branco	US160 - (...) <i>“Nas aulas de Ginástica, por exemplo, a professora pergunta quem teve aulas de Ginástica na escola e a grande maioria não teve”. (...)</i>	O entrevistado branco conta que na aula da Disciplina de Ginástica a professora pergunta quem vivenciou Ginástica na escola e a grande maioria responde que não.
Branco	US161 - (...) <i>“Nós que estamos nessa caminhada podemos levar essas experiências para os nossos alunos e quando eles chegarem aqui e os professores perguntarem se eles já tiveram essas experiências, eles dizerem que sim”. (...)</i>	O entrevistado branco explica que é preciso levar essas experiências para a escola para que os alunos que entrem no curso de Educação Física tenham experiências de corpo.
Branco	US162 - (...) <i>“Nós temos o papel de absorver essas experiências e levá-las para outros lugares”. (...)</i>	O entrevistado branco reafirma a responsabilidade dos estudantes de Educação Física de absorver essas experiências e levá-las para além da Universidade.
Branco	US163 - (...) <i>“Ainda estou um pouco longe de me formar, mas eu penso em trabalhar a questão prática com um olhar mais humano, entendendo a prática corporal como algo além da técnica”. (...)</i>	O entrevistado branco explica que deseja trabalhar a prática com um olhar mais humano para o corpo, enxergando-o além da simples técnica.

Fonte: elaborado pelo autor.

Após a primeira redução dos discursos dos sujeitos em unidades de significados, foram relevadas oito categorias (de A a H) para a compreensão do fenômeno conforme o quadro a seguir.

No quadro abaixo, apresento as categorias, bem como as Unidades de Significados correspondentes:

Quadro 3: Categorias desveladas nas Unidades de Significados

CATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO (US)
a) Revelações sobre a visão de ter/ser corpo antes de ingressar no curso de Educação Física.	US - 1; 2 (Preto) US - 22; 23 (Rosa) US - 37; 38; 51 (Laranja) US - 52 (Amarelo)

	<p>US - 66; 67 (Vermelho) US - 81 (Verde) US - 89; 90; 91 (Azul) US - 113; 114 (Lilás) US - 128; 129; 130 (Bordô) US - 143 (Branco)</p>
<p>b) Não ter vivenciado experiências de corpo sensíveis anteriores ao ingresso no Curso de Educação Física.</p>	<p>US - 4; 5 (Preto) US - 25 (Rosa) US - 54 (Amarelo) US - 70 (Vermelho) US - 93 (Azul) US - 116 (Lilás) US - 143; 149 (Branco)</p>
<p>c) Ter vivenciado experiências de corpo anteriores ao ingresso no Curso de Educação Física.</p>	<p>US - 40 (Laranja) US - 83 (Verde) US - 132; 133 (Bordô)</p>
<p>d) Ter experiências sensíveis-corporais relevantes na formação</p>	<p>US - 6; 7; 8; 9; 10; 11 (Preto) US - 27 (Rosa) US - 41 (Laranja) US - 55; 56; 57 (Amarelo) US - 71; 72; 73 (Vermelho) US - 84 (Verde) US - 94; 95; 96; 98 (Azul) US - 117; 118; 119; 120; (Lilás) US - 135; 136 (Bordô) US - 144; 150 (Branco)</p>
<p>e) Deduções anteriores ao ingresso no Curso sobre como a área da Educação Física compreende o corpo</p>	<p>US - 3 (Preto) US - 24 (Rosa) US - 39 (Laranja) US - 53 (Amarelo) US - 68; 69 (Vermelho) US - 82 (Verde) US - 92 (Azul) US - 115 (Lilás) US - 131 (Bordô) US - 146 (Branco)</p>
<p>f) Visão de corpo após a vivência de experiências sensíveis-corporais na licenciatura em Educação Física.</p>	<p>US - 15; 17 (Preto) US - 26; 27; 28; 29; 30; 32; 33 (Rosa) US - 43; 44; 45; 47 (Laranja) US - 58; 59; 60; 63 (Amarelo) US - 74; 75; 76 (Vermelho) US - 86 (Verde) US - 97; 99; 103; 104; 110; 121 (Azul) US - 122 (Lilás) US - 137; 139 (Bordô)</p>

	US - 151; 156; 157 (Branco)
g) A importância atribuída às experiências sensíveis-corporais na formação inicial de professores de Educação Física.	US - 16 (Preto) US - 34; 35 (Rosa) US - 48 (Laranja) US - 62 (Amarelo) US - 78 (Vermelho) US - 87 (Verde) US - 106; 107; 108 (Azul) US - 123; 124; 126 (Lilás) US - 140 (Bordô) US - 158; 159; 161; 162 (Branco)
h) Como as experiências de corpo passou a fundamentar a atuação docente e a prática pedagógica dos entrevistados(as).	US - 13; 14; 18; 19; 20; 21 (Preto) US - 31; 36 (Rosa) US - 42; 46; 49; 50 (Laranja) US - 61; 64; 65 (Amarelo) US - 77; 79; 80 (Vermelho) US - 88 (Verde) US - 100; 101; 102; 105; 109; 111; 112 (Azul) US - 125; 127 (Lilás) US - 138; 141; 142 (Bordô) US - 152; 154; 155; 163 (Branco)

Fonte: elaborado pelo autor

Duas unidades de significado apareceram ao longo da redução, porém desvelam temas além das categorias elencadas. São elas:

- US - 12 (Preto): O Sujeito-Preto conta que sua visão de professor antes das experiências de corpo era ser reprodutor das práticas que teve na escola.
- US - 85 (Verde): O Sujeito-Verde explica que, talvez por conta do período remoto, não se sentiu tão atravessado pelas experiências de corpo, embora reconheça a importância e transformação em si.

4.2.1. ANÁLISE IDEOGRÁFICA

Uma vez feita a categorização dessas unidades de significados, parte-se, portanto, para o próximo ponto da análise, a chamada análise ideográfica dos sujeitos de modo a desvelar os discursos e entender os sentidos e significâncias. Nas palavras de Zylberberg (2007, p. 221):

A análise ideográfica apresenta um retrato perspectival das descrições e busca desvelar as ideologias dos discursos dos sujeitos. O pesquisador

debruça-se novamente sobre as descrições originais para encontrar evidências. É um momento de descobertas e insights, de encontrar, por meio de um olhar atento, os pormenores e as idéias que permeiam as ações e os discursos dos sujeitos na experiência vivida.

Dessa forma, a análise ideográfica permite retornar aos discursos para desvelar o fenômeno, revelando as particularidades dos discursos de cada sujeito e a forma como que se aproximam dentro de suas experiências únicas.

Análise Ideográfica dos Sujeitos-Cores

Ao olhar para a visão de corpo dos sujeitos-cores antes do ingresso no Curso e às experiências sensíveis-corporais é importante ressaltar que praticamente todos, exceto o Sujeito Laranja, tinham visões e concepções de corpo voltadas à perspectiva mecânica, cartesiana e biológica. Observa-se que essas visões de corpo não se limitavam ao olhar para o espectro corporal, mas também na forma como os próprios entrevistados relacionavam-se com seus próprios corpos, influenciando como cuidavam do seu corpo. Essa visão de corpo mostrou-se tão limitada que alguns dos sujeitos-cores sequer paravam para pensar que enxergavam seus corpos como máquinas, carcaça, caixas e objetos de estética.

Neste sentido, a visão de corpo dos entrevistados antes das experiências corporais estava mais relacionada à concepção do corpo-máquina, do corpo puramente biológico que deveria ser capaz de seguir uma rotina intensa de produção, como: acordar, ir ao trabalho/escola, voltar, dormir e repetir tudo novamente no dia seguinte. Desse modo, observa-se que os diferentes sujeitos-cores, com diferentes idades, vindos de diferentes bairros, municípios tiveram uma visão anterior sobre o corpo extremamente limitada do corpo.

Ao trazer o olhar dos sujeitos-cores para a forma como a Educação Física enxergava o corpo, o pensamento que se tinha é de que a Educação Física trabalha em busca de um corpo esteticamente padrão, biológico e que deve ser capaz de realizar todos os gestos e movimentos. Novamente para quase todos, exceto o Sujeito Laranja, os sujeitos-cores acreditavam que a visão de corpo da Educação Física era de padronizar os corpos, enxergando-os como um ideal estético, como ainda carregavam uma visão estereotipada do corpo que deveria ser musculoso, atlético, capaz de realizar todos os movimentos igualmente e sem erros.

Cabe salientar que os sujeitos-cores tinham receio em entrar no Curso de Educação Física por acreditar que a área não enxergaria ou aceitaria seus corpos. Essa visão de corpo pela Educação Física tem relação direta com as experiências de aulas na Educação Física escolar que, para a maioria dos sujeitos-cores, era uma Educação Física rola-bola¹⁰ na qual o professor sequer dava os componentes curriculares básicos e contribuía para a construção da visão estereotipada de corpo pela Educação Física.

Um aspecto significativo, contudo, encontra-se nas experiências sensíveis-corporais vivenciadas no Curso de Educação Física. Os sujeitos-cores entrevistados encontram-se em diferentes semestres de modo que as experiências corporais estendem-se das Disciplinas do componente curricular obrigatório à Disciplinas Optativas e Projetos de Extensão.

Ao olhar para as Disciplinas Obrigatórias¹¹, tem-se destaque para as Disciplinas de *Fundamentos Filosóficos da Educação Física* (FFEF), *Formação Rítmica* (FR), presentes no primeiro semestre do Curso, *Dança* (D), presente no segundo semestre e *Futsal e Futebol* (FF), presente no quinto semestre.

Quanto à disciplina de *Fundamentos Filosóficos da Educação Física* (FFEF), os sujeitos-cores pontuaram extrema importância, foi a primeira vivência que trouxe o corpo para além da ótica biológica, oferecendo vivências, como: andar de olhos vendados pelo IEFES e descrever uma imagem para o colega que não está vendo.

Os sujeitos-cores que trouxeram a experiência da Disciplina *Formação Rítmica* (FR), pontuaram que ela permitiu entender a relação dos sentidos que temos no corpo com o mundo ao nosso redor. Ao trazer a Disciplina de *Dança* (D), foi ressaltado que a Disciplina foi essencial para ressignificar a relação dos sujeitos-cores com seus próprios corpos, percebendo-os de forma mais sensível, como se expressam enquanto dançam, e também transformou a relação dos sujeitos-cores com a própria dança, tendo seu corpo acolhido ao dançar.

O Sujeito Vermelho trouxe a Disciplina de *Futsal e Futebol* (FF) e pontuou que a experiência corporal na Disciplina não se refere a um momento específico, mas à prática pedagógica do docente responsável que tem uma abordagem mais humana para o corpo e às aulas. Como destaca a fala do Sujeito Vermelho em relação a isso: “(...) *Eu descobri que eu*

¹⁰ O termo “rola-bola” é utilizado para definir a prática de somente dar uma bola nas aulas de Educação Física escolar e deixar os(as) estudantes, sem qualquer abordagem pedagógica ou cuidado com o que deveria ser trabalhado.

¹¹ Compreendendo que não somente pela Disciplina, mas pela abordagem de cada docente, optamos em citar os nomes dos responsáveis pelas experiências destacadas nos discursos dos sujeitos-cores. *Fundamentos Filosóficos da Educação Física* (FFEF) - Tatiana Passos Zylberberg; *Formação Rítmica* (FR) e *Dança* (D) - Marcos Antônio Almeida Campos; *Futsal e Futebol* (FF) - Otávio Nogueira Balzano.

gosto de jogar Futsal e Futebol, só nunca foi me dado a chance de viver esse esporte fora do olhar mecânico”. (...)”.

Ainda nos componentes curriculares, experiências sensíveis de corpo foram relatadas na Disciplina Optativa¹² de *Ginástica I* (GI). Com relação a GI, as experiências de corpo não eram um momento ou uma atividade específica, mas sim, a forma como a docente ministrava as aulas e sua prática pedagógica e olhar para a prática e corpo de uma maneira mais humana, respeitando os limites dos estudantes e os ajudando a entender até onde conseguiam ir com segurança, bem como auxiliar a superar as barreiras do “não consigo” ou as crenças de “não ser bom para”.

Além das Disciplinas Curriculares, outras experiências sensíveis-corporais relatadas são os Projetos de Extensão, foram citados: *De Corpos no Mundo* (DC), *Mulheres & Novelas* (MN), *Oré Anacã* (OA) e *Gymnarteiros* (GYM).

Quanto ao projeto *De Corpos no Mundo* (DC), os sujeitos-cores apontaram que essa “experiência de corpo” é extremamente marcante por colocar os sentidos em destaque, fazendo com que percebessem coisas que nunca pararam para reparar e fossem atravessados por sentimentos e memórias que muitas vezes sequer sabiam que existiam. Ainda falando do DC, os sujeitos-cores perceberam nessa experiência corporal a importância do toque e a relação dos próprios corpos com o corpo do outro e com o ambiente ao redor.

Com relação ao *Mulheres & Novelas* (MN), projeto voltado para mulheres com Endometriose, os sujeitos-cores ressaltam as “experiências de corpo” que acolhem a todas as pessoas, independente do perfil. As experiências sensíveis-corporais do MN, conforme trazidas pelo Sujeito-Preto e Sujeito-Lilás, permitem desenvolver uma relação de maior cuidado e importância com o próprio corpo, fazendo com que percebessem que “são corpo”.

Ao trazer o projeto *Oré Anacã* (OA), foi apontado que este permite aos participantes perceber o corpo de uma forma mais sensível, enxergando as potencialidades e seus próprios limites, bem como, entender que cada pessoa possui um corpo único com suas próprias particularidades. De modo semelhante, quanto ao *Gymnarteiros* (GYM), foi apontado pelos sujeitos-cores o quão essencial foi para que pudessem ir além das barreiras do “não consigo” e entenderem que podem sempre tentar e explorar seus próprios corpos. Na relato do Sujeito-Amarelo: (...) *“Também teve o Gymnarteiros que me permitiram explorar o que eu posso fazer com meu corpo, como a vez em que eu dei mortal”.* (...)

¹² Ginástica I - Lorena Nabanete dos Reis Furtado.

De modo semelhante, outro aspecto de extrema relevância é a forma como que a visão de corpo dos sujeitos-cores mudou depois de vivenciarem as experiências sensíveis-corporais. Após essas experiências, o olhar de corpo dos sujeitos-cores ficou mais sensível e humano tanto para o seu próprio corpo quanto para o corpo dos outros. Uma outra mudança nessa visão de corpo se deu, também, em passar a respeitar os próprios limites e permitir-se tentar com segurança. Tal transformação se tornou clara como expressado pelos sujeitos-cores:

(...) “Criei uma visão que vai além do corpo estético, mas olhando aspectos humanos, motores, até mesmo sensíveis. A gente vê que o corpo é amplo e tem que ser trabalhado em diversos aspectos” (...)
Sujeito-Lilás

(...) “Mudou o olhar para o corpo no tentar de forma segura, respeitando meus limites. Se eu quero tentar fazer algo, vou fazendo do gradual, indo aos poucos”. (...) Sujeito-Azul

Dentro do campo “limites”, a visão de corpo dos sujeitos-cores mudou também ao perceber que cada corpo tem suas próprias potencialidades e isso não o faz mais ou menos capaz do que outros corpos. Essa percepção pode ser identificada, por exemplo, na fala do Sujeito-Amarelo:

(...) “Aprendi que o corpo é muito individual de cada um. Antes eu ficava meio assim quando via alguém fazer um movimento ou um passo que eu não conseguia e demorou um tempo para eu conseguir desconstruir isso e perceber que meu corpo conseguia fazer aquilo que está dentro dos meus limites, assim como eu vou conseguir fazer coisas que os outros não conseguem”. (...)

(...) “E isso não quer dizer que meu corpo ou o do outro é inferior, apenas que nossos corpos têm particularidades diferentes”. (...)

Outro ponto desvelado que é importante ressaltar é a importância que os sujeitos-cores deram para as experiências sensíveis-corporais em sua formação como professores de Educação Física. Seus depoimentos sobre enxergar seus corpos para além do olhar biológico, para as questões de potencialidades e limites, reforçaram a importância das experiências sensíveis-corporais para perceber também o corpo do outro e as relações entre os corpos uns com os outros e com o ambiente.

(...) “Se não tivessem essas experiências, 90% do que eu te falei aqui não existiria. Porque tudo isso que eu te falei aqui, tudo o

que eu aprendi, senti e mudei, só foi possível graças a essas experiências (...) Sujeito-Preto
(...)“Eu acho importante porque muda o olhar do outro para o corpo” (...) Sujeito-Rosa

Além de mudar o olhar sobre o corpo, os sujeitos-cores apontaram que as experiências sensíveis-corporais foram importantes também para identificar/superar/romper com a visão estereotipada que tinham da Educação Física e a visão da mesma sobre o corpo. Ao terem essas experiências, os sujeitos-cores reforçaram que um professor que fizer um Curso de Educação Física - Licenciatura sem vivências nestas perspectivas, torna-se um professor que enxerga o corpo dos seus estudantes com um olhar biológico, ignorando aspectos sensíveis e humanos. Os sujeitos-cores afirmam, ainda, que existem experiências sensíveis-corporais dentro do Curso que todos deveriam experimentar e não apenas os estudantes da Educação Física - Licenciatura.

Por fim, traz-se o desvelar de um elemento muito importante: a transformação do olhar e prática pedagógica dos sujeitos-cores após a vivência das experiências sensíveis-corporais. Ao terem experiências de corpo, os sujeitos-cores pontuaram que o olhar pedagógico que terão ao trabalhar com o corpo dos seus alunos será um olhar com respeito, enxergando as potencialidades e particularidades de cada um de modo a promover uma prática cuidadosa.

4.2.2. ANÁLISE NOMOTÉTICA

A última etapa do desvelar do fenômeno dá-se na construção da matriz nomotética e sua respectiva análise (NISTA-PICCOLO, 1993; ZYLBERBERG, 2007) de modo a observar de forma mais clara as convergências e divergências nos discursos dos sujeitos que foram entrevistados.

A análise nomotética deste fenômeno foi sistematizada identificando pontos marcantes levantados pelos sujeitos-cores nas entrevistas e correlacionado com os semestres que estavam matriculados no curso.

O curso de Licenciatura é dividido em 8 semestres e em razão da pandemia os Sujeitos-Cores ingressaram em contextos diferentes:

- Ingressantes 2019.1 - cursaram um ano de presencial e dois anos de remoto;
- Ingressantes 2020.1 - cursaram dois anos de remoto;

- Ingressante 2021.1 - cursou um ano de remoto e o restante presencial;
- Ingressantes 2022.1 e 2023.1 - cursaram o presencial desde o começo.

Além dos diferentes semestres e situações remoto-presencial, os Sujeitos-Cores vivem contextos diferentes no Curso. Todos já estão de alguma forma inseridos na escola:

- Sujeitos Preto, Laranja, Rosa, Bordô e Branco estão no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID¹³);
- Sujeito Verde está inserido na Residência Pedagógica¹⁴ e já passou pelos Estágios Obrigatórios I e II¹⁵;
- Sujeitos Amarelo e Vermelho passaram pelos Estágios Obrigatórios I, II, III e até o momento deste trabalho estão realizando o Estágio IV;
- Sujeito Azul já concluiu os Estágios Obrigatórios I, II, III e IV;
- Sujeito Lilás está no Estágio II.

A partir desses diferentes contextos, construiu-se uma matriz nomotética trazendo os princípios dos Sujeitos-Cores em ordem crescente, dos semestres mais iniciais até os semestres finais. A matriz está organizada, assim, dessa forma:

- Sujeitos-Cores no início do Curso (primeiro ao quarto semestre - Laranja, Rosa, Bordô, Preto, Branco).
- Sujeito-Cor na metade do Curso (quinto semestre - Lilás);
- Sujeitos-Cores no final do Curso (sétimo semestre ou acima - Amarelo, Azul, Vermelho, Verde).

No quadro abaixo, apresento a matriz nomotética com os princípios dos Sujeitos-Cores e o contexto no qual eles estão inseridos em relação ao curso.

Quadro 4: Matriz Nomotética dos princípios dos Sujeitos-Cores

¹³ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

¹⁴ A Residência Pedagógica faz parte da modernização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e traz novidades, como a formação do estudante do curso de graduação, que terá estágio supervisionado, com ingresso a partir do terceiro ano da licenciatura, na escola de educação básica. O objetivo principal é a melhoria da qualidade da formação inicial e uma melhor avaliação dos futuros professores, que contarão com acompanhamento periódico

¹⁵ Dentro do Curso de Educação Física - Licenciatura são quatro estágios. O Estágio I é o observacional nos quatro níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio). O Estágio II é intervenção na Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental. O Estágio III é intervenção no Ensino Fundamental. O Estágio IV é intervenção no Ensino Médio e/ou Educação de Jovens e Adultos.

PRINCÍPIOS DOS SUJEITOS-CORES	1 ao 4 semestre					5 semestre	7 semestre ou acima deste			
	PRESENCIAL - AULAS PRESENCIAIS DESDE O INGRESSO DO CURSO					HÍBRIDO - UM ANO ONLINE DEVIDO A PANDE- MIA	REMOTO - DOIS ANOS ONLINE DEVIDO A PANDEMIA			
	Lara- nja	Ro- sa	Bor- dô	Bra- nco	Pre- to	Lilás	A- zul	Verme -lho	Ama -relo	Verde
Declararam ter uma visão sobre o corpo voltada principalmente ao biológico, ignorando os aspectos sensíveis do corpo.		X	X	X	X	X	X	X	X	X
Não tiveram aulas de Educação Física escolar que proporcionaram experiências que fugissem à perspectiva mecânica do corpo.		X		X	X	X	X	X	X	
Acreditavam que a Educação Física enxergava o corpo de uma forma mais biológica, buscando um padrão estético de corpo a ser atingido.		X	X	X	X	X	X	X	X	X
Foram atravessados positivamente pelas experiências sensíveis-corporais durante o Curso de Educação Física - Licenciatura.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

A visão sobre o corpo mudou após as experiências de corpo, de modo que passaram a enxergar outros aspectos além do biológico, o autocuidado, potencialidades e questões do “não consigo”.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Não se sentiram tão atravessados pelas experiências de corpo.										X
Reconhecem a importância de experiências sensíveis-corporais na formação inicial de professores de Educação Física.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
O olhar pedagógico mudou e pontuaram que vão olhar o corpo dos estudantes da forma mais respeitosa possível e entendendo as potencialidades individuais.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao desvelar as matrizes nomotéticas, observa-se que as surgiram grandes convergências e pequenas divergências nos princípios 1, 2, 3, referentes à visão sobre o corpo anterior ao ingresso no Curso, a ausência de experiências humanas de corpo na Educação Física escolar e à forma como acreditavam que a Educação Física enxergava o corpo. Quase todos os sujeitos-cores tinham uma visão mecânica do corpo, exceto pelo Sujeito-Laranja, e enxergavam seus corpos principalmente por uma ótica estética, biológica, como força de trabalho ou mesmo como carcaça.

De modo semelhante, quase todos os sujeitos-cores não tiveram nenhuma experiência da Educação Física escolar que olhou para o corpo de forma mais humana ou sensível, exceto pelos Sujeitos-Verde, Laranja e Bordô. Mesmo nessas situações em que os Sujeitos-Cores tiveram alguma experiência mais humana de corpo, isso acontecia de forma

bastante isolada ou não ligada diretamente com a Educação Física. Essa realidade evidencia que mesmo que aconteçam momentos sensíveis nas aulas isso não representa o aspecto total da realidade.

Conforme visto nos discursos, isso se reflete diretamente na forma como estes Sujeitos-Cores teciam as relações com seus próprios corpos, tratando-os muitas vezes com descuido, exigindo demais e cobrando-se para encaixar em determinado padrão. De maneira semelhante, essa ausência de experiências sensíveis de corpo nas aulas de Educação Física escolar influenciou na forma como acreditavam que a Educação Física como área enxergava o corpo. Quase todos os Sujeitos-Cores acreditavam que a Educação Física enxergava o corpo como um padrão a ser alcançado ou como sendo algo que deveria ser capaz de executar os movimentos de forma perfeita e igual para todos. Quando questionados sobre isso, alguns Sujeitos-Cores, como o Sujeito Amarelo, afirmaram ter receio de entrar no curso pelo medo dos julgamentos que seu corpo poderia sofrer.

Contudo as convergências foram absolutas nos princípios 4, 5, 7 e 8, referentes a serem atravessados pelas experiências de corpo, à mudança na visão sobre o corpo, a importância que atribuem às experiências sensíveis-corporais e à transformação do olhar pedagógico e para o corpo dos estudantes. Nessas convergências, todos os Sujeitos-Cores afirmaram que as experiências sensíveis-corporais mudaram sua forma de olhar para o corpo, enxergando aspectos que vão além dos campos biológicos.

Dentro do campo das convergências, todos os Sujeitos-Cores reconhecem a importância dessas experiências para a formação inicial de professores de Educação Física. Ainda inserido nesse ponto, todos os Sujeitos-Cores trouxeram que o olhar pedagógico mudou após vivenciarem experiências sensíveis de corpo e pontuaram que irão olhar o corpo dos estudantes da forma mais respeitosa possível, entendendo as potencialidades individuais e promovendo a superação dos limites de forma segura.

Uma divergência extremamente importante a se ressaltar mesmo aparecendo apenas uma vez, pelo Sujeito-Verde, refere-se ao fato de não ter sido tão atravessado pelas experiências sensíveis-corporais. Ao olhar-se com cuidado, observa-se que a questão que se desvela a partir disso é que não foi o Sujeito-Verde que simplesmente não foi atravessado pelas experiências de corpo, mas ao olhar para a situação e vendo que o sujeito-cor teve metade de sua formação inicial de forma remota, observa-se que isso pode estar atrelado ao ambiente virtual que não permitiu um contato de corpo, tampouco um contato humano ou sensível, trazendo à tona uma reflexão sobre esse contato do corpo com o remoto.

Mesmo tendo aparecido somente no Sujeito-Verde, essa divergência é algo que precisa ser levada em consideração visto que o ambiente virtual muda a forma como expressamos as relações de corpo-outro e as experiências que são proporcionadas.

Na análise nomotética apresentei os princípios dos Sujeitos-Cores organizados em forma de matriz para que seja possível enxergar as convergências e divergências, olhando diretamente para os diferentes contextos e enxergando as relações entre eles.

5. CAMINHOS PARA CONCLUSÃO

Esta pesquisa, especialmente nas análises ideográfica e nomotética, desvelam os discursos dos Sujeitos-Cores sobre a importância das experiências sensíveis-corporais na formação inicial e, acompanha como a visão de corpo mudou ao vivenciá-las.

A partir das entrevistas e da análise do fenômeno das experiências sensíveis-corporais foi possível enxergar a importância destas na formação inicial de professores(as) de Educação Física escolar, porque tais vivências e experiências proporcionam uma superação do olhar mecânico e biológico para o corpo. Bem como essas são relevantes para a futura prática pedagógica, tornando-a mais humana, preocupando-se não apenas com a correção da execução de movimentos, mas buscando enxergar também as potencialidades, transpor os limites do “não consigo” de forma segura, pensando em maneiras de trabalhar com os corpos dos estudantes com segurança e respeito.

Os próprios Sujeitos-Cores entrevistados afirmaram que tiveram receio de entrar no curso de Educação Física - Licenciatura por medo de julgamentos sobre seus corpos e a forma como realizavam os movimentos. É como conta o Sujeito-Amarelo:

US53 - (...) *“Tanto é que quando eu escolhi o Curso, quando eu passei, eu fiquei com receio porque eu não tenho o corpo padrão, mas, ah, eu vim com a ideia que a Educação Física iria esperar um corpo padrão de mim”.* (...)

Diante desse fato, torna-se necessário entender as origens dessa visão fragmentada de corpo pela Educação Física, enxergando como acontece a formação dos professores de Educação Física escolar e quais experiências de corpo eles têm, uma vez que isso influenciará diretamente a forma como abordam o corpo.

Desde o início deste trabalho, ressaltamos a importância de enxergarmos o corpo para além desses paradigmas e preceitos como apontam Simões e Piccolo (2012, p. 16):

O corpo, o de hoje, em nossa cultura racionalizada, cientificizada e de escala industrial produtiva, torna-se um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta, passível de ser utilizada segundo a vontade de outros, dependente dos interesses econômicos, políticos ou ideológicos. É o corpo objeto de transação, de troca, de exclusão, de coisa a ser descartável após seu uso e, normalmente, abuso.

O corpo visto como um mero instrumento não pode se perpetuar na Educação Física, bem como não se pode perpetuar a busca por um padrão de perfeição que não existe. Daolio (1995b, p. 3) alerta sobre isso ao discorrer que:

Nas aulas, o aluno melhor é aquele que chega mais próximo da técnica considerada certa pelo professor. Falamos de um andar correto, de um correr adequado, de uma postura melhor, de um corpo perfeito, desconsiderando, muitas vezes, que os movimentos são também culturais.

Todas essas questões foram trazidas pelos Sujeitos-Cores em seus discursos e em suas próprias trajetórias na Licenciatura em Educação Física. Ao longo da minha formação também me deparei com essas questões e, de forma mais profunda, mergulhei nelas novamente ao realizar essa pesquisa.

Refletindo sobre a importância de vivenciar experiências corporais na formação inicial, identifiquei ainda a urgência de oferecê-las aos estudantes nas escolas para que possam ter visões sobre o corpo para além da supervalorização estética, da compreensão mecânica dos movimentos e gestos, como ainda sejam autônomos, autorais e criativos com as práticas corporais.

A relação da visão sobre o corpo com a atuação do professor de Educação Física é direta e profunda. Essa relação não é algo recente. Singulani e Cupolillo (2011, pp. 25) já teceram dizeres ao pontuar que:

As perspectivas biológica e cultural, que sempre estiveram em constante debate na formação desse profissional, parecem exercer influência sobre o perfil do professor que atuará no sistema de ensino no ambiente escolar, tensionando suas ações pedagógicas.

Conforme os autores, a perspectiva que os graduandos em Licenciatura em Educação Física vivenciam no curso estará diretamente relacionada com a sua futura atuação docente e, a visão sobre o corpo que terá e trará em sua abordagem. Dessa forma, as experiências sensíveis-corporais tornam-se importantes para desmistificar a visão estereotipada da Educação Física, desfazendo a concepção de que existe um “*corpo perfeito*” a ser alcançado porque essa é a ideia que na grande maioria das vezes transpassa-se para os estudantes quando a Educação Física, sobretudo a escolar, não trabalha os aspectos sensíveis e humanos da prática e do corpo. Ainda tratando-se desse ponto, é importante que existam experiências sensíveis de corpo para que se possa enxergar o espectro da corporeidade e sua

relação direta com a motricidade humana, uma vez que todo o aspecto motor parte do corpo e da relação dele com o ambiente e com outros corpos.

Essa necessidade de possuir esse olhar, sobretudo dentro do espectro da corporeidade, é algo alertado Simões e Piccolo (2012, pp. 13) ao afirmar que:

Associarmos os termos corporeidade e motricidade humana à Educação Física parece-nos necessário, uma vez que esta área produz conhecimentos e intervenções que consideram o corpo como algo desvinculado da transcendência, do sensível e em muitos momentos até do inteligível, enfatizando sempre o sentido do trabalho racional e linear do movimento que o corpo expressa.

Os Sujeitos-Cores entrevistados trazem à tona a questão de não conhecer a potencialidade do próprio corpo, enxergando-o como tendo que se encaixar em determinada forma para ser reconhecido ou aceito dentro de um espaço ou da própria Educação Física. Tal fato caminha de encontro com o que aborda Simões e Piccolo (2012, pp. 16): “É o corpo que, para ser conhecido, deve ser esquadrihado, invadido, manipulado, sem vontade própria, não podendo ser senhor de sua existencialidade”.

Dessa forma, é imprescindível que haja na formação inicial de professores(as) de Educação Física experiências sensíveis de corpo para que ampliem suas visões sobre o corpo para que possam levá-las aos estudantes de modo a não mais perpetuar esses padrões mecânicos e biológicos de corpo, proporcionando experiências que façam com que os estudantes também possam romper com esses paradigmas. É preciso que estudantes de Licenciatura em Educação Física tenham experiências sensíveis de corpo para despertar e desvelar esses olhares sensíveis para o corpo porque, conforme apresentam Singulani e Cupolillo (2011, pp. 33):

O estudante vivencia um currículo que pretende prepará-lo para encontrar alunos-máquinas tão dissociados de sua cultura e valores quanto de seu corpo e mente.

Esse dizer evidencia a importância de experiências sensíveis-corporais na graduação em Educação Física - Licenciatura para que se possa mudar essa realidade e permitir que o professor não perpetue visões sobre o corpo que separem o espectro sensível dos demais espectros do corpo, sejam biológicos, motores ou culturais. É preciso, então, que se passe a entender o corpo além dessa caixa mecânica porque como nos fala Simões e Piccolo (2012, p. 17):

O corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo, unido a um organismo, isolado do resto do mundo.

Os significados desvelados a partir do fenômeno das experiências sensíveis-corporais e os desdobramentos que elas tiveram na formação dos Sujeitos-Cores podemos enxergar como suas concepções do fazer pelo corpo foi voltada aos moldes anatômicos, buscando a execução de um “*movimento perfeito*” sem levar em consideração às particularidades dos indivíduos. Nove dos Sujeitos-Cores trouxeram realidades escolares que foram pautadas nessa execução “*ideal*” e até mesmo a total ausência de uma Educação Física que oferecesse o mínimo de elementos corporais.

Ao deixar isso acontecer, percebemos a perpetuação da visão de que todos devem ser capazes de realizar a mesma ação da mesma maneira, levando à uma vivência de Educação Física escolar que nos engessa e nos faz acreditar que não somos capazes, que não conseguimos e que somos “*errados*”.

Em minha trajetória escolar, encontro semelhanças com as narrativas trazidas nos discursos dos Sujeitos-Cores sobre como, como estudantes, temos nossos corpos muitas vezes sequer vistos pelos(as) professores(as) de Educação Física que abordavam apenas o esporte pelo esporte, sem trazer questões mais sensíveis que proporcionassem oportunidades e vivências de sentir-pensar-agir com o próprio corpo, limitando-se ao rola-bola, a uma Educação Física escolar que sequer olhar para o corpo e, quando o faz, é sob o espectro biológico.

Mesmo que o cenário esteja mudando e alguns dos Sujeitos-Cores mostrem que experiências mais sensíveis e humanas de corpo estejam acontecendo no ambiente escolar, essa ainda é uma realidade muito ínfima, acontecendo em um momento ou outro de nove anos de Educação Física escolar. O corpo continua sendo estudado pela Educação Física de modo fragmentado, enxergando apenas o movimento e não apenas o que existe por trás dele. Isso reflete na forma como a própria Educação Física é vista como área. Silva e Almeida (2001, p. 08) expõem esse fato ao mostrarem que:

A Educação Física, então, passa a ser vista e estudada como ciência do movimento. O corpo é visto como unidade de estudo, mas de modo fragmentário. O movimento, contudo, é analisado do ponto de vista anatômico, fisiológico, psicológico e sociológico.

É preciso entender para fazer diferente. É preciso proporcionar experiências de corpo na graduação para que os futuros professores tenham novas visões sobre o corpo e possam levá-las, bem como experiências, para seus estudantes.

Nesse sentido, em seus relatos os Sujeitos-Cores trazem a importância das experiências sensíveis-corporais em sua formação, sobretudo para romper com as visões fragmentadas de corpo que muitas vezes enxergam apenas um aspecto do todo. Para os Sujeitos-Cores, essas experiências o ajudaram a compreender a complexidade de elementos que constituem o corpo, desde seus aspectos físicos aos emocionais. É como nos mostra Simões e Piccolo (2012, p. 17) ao afirmar que:

Não é por outra razão que nos cursos de Educação Física oferecemos grande destaque para as disciplinas que se preocupam com esta visão. Sem menosprezarmos a importância deste conhecimento, é fundamental, desde já, assumirmos o seguinte entendimento: o ser humano não é apenas um ser biológico, como também não é apenas psicológico, ou antropológico ou... O corpo humano é exatamente a complexidade e a conexão de todas as formas possíveis de interpretação deste fenômeno

Conforme os autores falam, não podemos menosprezar ou esquecer do lado biológico e de como sua implementação permitiu que a Educação Física crescesse como área e como ciência. Como pontuam Silva e Almeida (2001, p. 35):

Apontamos que poderíamos repensar a formação pelo âmbito de resgatar pontos positivos que ficaram perdidos na história, não devemos negar nossas bases de formação.

Visto isso, não podemos nos prender somente a esse aspecto de fragmentação ou enxergar o corpo somente por uma única perspectiva, tampouco negar a existência e impactos dessa maneira de tratar o corpo. Como os Sujeitos-Cores trazem em seus relatos, é importante que o corpo e todos os seus elementos sejam trabalhados de forma a transcender a prática pela prática, buscando fazer com que seja entendido que o corpo e o movimento são muito mais do que apenas fazer, jogar, arremessar ou correr. Como diz o Sujeito-Vermelho sobre a importância de experiências sensíveis de corpo na formação (US78):

(...) “O nosso curso é estigmatizado e precisamos quebrar o paradigma de que a Educação Física é só para formar um corpo padrão, mecanizado. Temos que enxergar que o corpo é mais do que isso”. (...)

Quando puxa-se essa realidade para dentro do ambiente escolar, Zylberberg (2007, p. 247) traz que:

Neste sentido que a “Educação Física”, entendida como uma atividade do corpo dicotômico, conduziu nosso olhar que qualificou o

conhecimento expresso na linguagem do movimento, como secundário e “no máximo” como complemento de atividade racional e produtiva, isso, portanto, marginalizou a valorização desta disciplina no espaço e tempo escolares, trabalhada como um momento meramente prático e sinônimo de atividade física.

Esse dizer relaciona-se com a situação dos Sujeitos-Cores que tiveram em quase totalidade uma Educação Física que enxergava o corpo de forma dicotômica, isso quando não acontecia de sequer existir a Educação Física escolar, mostrando como a disciplina escolar não olha para o corpo da forma como deveria.

Assim, enxergar que o corpo envolve outras questões além dos moldes mecânicos implica olhar diretamente para o elemento da corporeidade. Pensar em corporeidade implica em proporcionar vivências e experiências que permitam entender o corpo e suas relações consigo próprio, com outros corpos e o ambiente. Isso aplica-se ao fazer com que os estudantes percebam-se corpo no arremessar a bola, no chutar em direção ao gol, no correr pela pista ou nadar na piscina. É preciso trazer os aspectos biológicos, mas os aspectos sensíveis não podem ficar para trás e devem ser abordados com a mesma importância porque, como nos diz Merleau-Ponty (1999, p. 114): “Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo, e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo”. Nesse sentido, a corporeidade, conforme Simões e Piccolo (2012, p. 17) discorrem:

Implica numa atitude ética, na qual o ato de movimentar-se, na Educação Física e no Esporte, demanda transcendência, aprimoramento de si mesmo, obtenção de conhecimento e preocupação com o outro.

Nesse momento inserem-se as experiências sensíveis-corporais e a sua importância por permitir que os graduandos em Licenciatura em Educação Física percebam seu corpo, conforme disseram os Sujeitos-Cores, não como carcaças, máquinas de trabalho ou moldes que devem alcançar, mas sim como corpos que sentem, que se movem, têm vontades e potencialidades. É como traz Simões e Piccolo (2012, p. 19):

O corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo, unido a um organismo, isolado do resto do mundo. O corpo é uma casa, uma morada localizada em um quarteirão infinito, construída com partes interligadas por substâncias vitais, habitada por sentidos e segredos, envolta por janelas perspectivais, circunvizinhada por outras casas, com as quais mantém uma relação de dependência e ao mesmo tempo de individualidade.

Os mesmos autores continuam e afirmam que: “A corporeidade é um corpo engendrando vida, experienciando, vivenciando, na perspectiva humana, a caminhada em direção ao mundo” (Simões e Piccolo, 2012, p. 19).

Abordar o corpo e todos os sentidos, significados e elementos que carrega implica trabalhar com todas as questões que emergem na atualidade, com a cultura do corpo, as questões de “padrões” e dos “movimentos perfeitos” que todos deveriam ser igualmente capazes de executar. Ter isso em mente significa proporcionar experiências sensíveis de corpo que permitam aos futuros professores olhar para todos esses aspectos do corpo e da corporeidade porque, como aponta Moreira (2012, p. 40):

A Educação Física deve levar a seus profissionais o sentido da corporeidade, porque a aprendizagem do mundo se faz com o corpo, mesmo considerando que sempre numa síntese inacabada. Aprender o mundo significa considerarmos as representações intelectuais, motoras e sensitivas.

Isso implica na necessidade de o(a) futuro(a) professor(a) de Educação Física de ter conhecimento dos aspectos sensíveis do corpo uma vez que, como pontua Singulani e Cupolillo (2011, p. 26):

O professor que lida diariamente com alunos de diferentes origens culturais, necessita se apropriar de meios para compreender as atitudes, as ações, as falas, as percepções dos mesmos.

Conforme observa-se, é preciso entender as diferentes realidades e contextos em que os corpos dos estudantes habitam para entender as marcas que eles carregam consigo, seus saberes, seus medos e potencialidades. É preciso ter um olhar sensível para o corpo dos estudantes de modo a entender que histórias estão corporalmente inscritas. Nesse mesmo sentido, Daolio (1995a, p. 36) traz que:

Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas.

É possível enxergar, então, que não se pode olhar para o corpo sob uma única ótica ou esperar que todos sejam iguais porque cada corpo é definido de formas diferentes de acordo com os significados que ele carrega. E a Educação Física escolar, e seus professores(as) precisam estar prontos para lidar com cada um desses significados de corpo.

Relacionado a isso, os discursos dos Sujeitos-Cores sobre as experiências sensíveis-corporais e as mudanças em suas visões sobre o corpo a partir delas relacionam-se com o que apontam Grandó e Stroher (2022, p. 52). Para os autores:

O corpo é assim, o espaço-tempo de aprender a ser, o lócus no qual o conhecimento se inscreve imbricado com as emoções, produzindo afetividades, pensamentos e práticas corporais que expressam identidades, diferenciando-se e reconhecendo-se no corpo-outro como um processo educativo

(...) refletir sobre como os corpos/pessoas podem ser detentores de um saber que não seja anulado pelo conhecimento acadêmico/técnico/científico que estrutura a formação em Educação Física hegemônica.

Dessa maneira, pensar em experiências sensíveis-corporais na graduação em Educação Física - Licenciatura implica em permitir que o futuro professor reflitam sobre os saberes inscritos no corpo que não pertençam às esferas acadêmica e científica, bem como tampouco sejam anuladas por estas. Essa reflexão e as mudanças na forma de pensar-olhar o corpo permite que os futuros professores levem essas experiências e esse olhar mais sensível e humano para o corpo para a escola e para seus estudantes de modo a permiti-los descobrir seus próprios interesses e potencialidades de fazer-ser corpo, os próprios saberes que seus corpos trazem de modo a não tornar as aulas de Educação Física escolar puramente mecânicas em repetição e olhando o corpo unicamente de forma biológica. Isso se reforça nos dizeres de Fernandes et al (2020, p. 68):

As aulas de Educação Física têm um papel pedagógico importante nessas questões e nas transformações socioculturais do corpo e do sujeito, a partir das práticas corporais e dos elementos da cultura do movimento, promovendo e possibilitando o protagonismo do estudante nas aulas, o desenvolvimento da autonomia e uma visão crítica do papel dele como sujeito no processo de ensino aprendizagem.

Relacionado a esse ponto, Gonçalves (1994, p. 58) traz que:

Aprendemos um movimento ou adquirimos um hábito motor quando o corpo o incorporou a seu “mundo”, e realizar um movimento corporal é visar às coisas do mundo por meio do corpo, sem o intermédio de nenhuma representação.

Dessa forma, é importante ter-se o olhar sensível para o corpo porque o próprio ato de movimentar-se está relacionado com o espectro senciante do corpo que inCORPOra tudo o que o rodeia dentro de seu próprio mundo, de sua própria realidade. Nessa perspectiva, Costa e Melo (2023, p. 48) reforçam essa questão ao apontar que “o corpo é fundamental, pois todo o processo formativo é corporal, implicando em uma aprendizagem que é corporificada”.

Olhar para os aspectos sensíveis do corpo e para a importância de experiências sensíveis-corporais não envolve ignorar os aspectos biológicos e toda a história da Educação Física. Pelo contrário, sensível e biológico devem ser vistos juntos, de forma integrada porque coexistem juntos na dimensão corporal. O que se discute neste trabalho é reconhecer a importância das experiências sensíveis-corporais na formação de professores de Educação Física para ressignificação da forma de enxergar o corpo, seus aspectos e as possibilidades de estimulá-lo nas aulas. Isso é extremamente importante porque, afinal, é preciso reconhecer a importância do espectro senciente do corpo e romper com questões e visões que fragmentam o corpo e o reduzem à uma máquina. Como aponta Gonçalves (1994, p. 67):

Para a Educação Física, é importante essa visão do homem como uma subjetividade encarnada, e também a compreensão de que as ações motoras têm um sentido subjetivo enraizado na história individual de cada um, ao mesmo tempo que possui um sentido intersubjetivo, que se configurou ao longo do processo histórico-social. Assim, o professor de Educação Física, ao orientar as ações motoras dos alunos, deverá levá-los a vivenciar autênticas experiências corporais, em que o aluno forme seus próprios significados de movimento, quer dizer, que ele envolva seus movimentos com sua subjetividade, que eles se tornem seus e brotem de sua interioridade.

Conforme mostram os discursos dos Sujeitos-Cores, as experiências sensíveis-corporais proporcionam a liberdade de refletir, sentir e ser corpo, encarar barreiras que foram construídas em seus corpos e transcendê-las. Os Sujeitos-Cores mostraram que a abordagem docente que promove significativas experiências de corpo, permite descobrir novos gostos e liberar medos/marcas. O Sujeito-Vermelho, por exemplo, é uma mulher que descobriu que sempre gostou de jogar Futsal, mas nunca tinha sido incentivada. Isso trouxe à tona a complexidade das questões de gênero na aproximação ou distanciamento de determinadas práticas culturalmente masculinas.

O significado das experiências sensíveis-corporais no curso de Educação Física - Licenciatura para os Sujeitos-Cores foi de ressignificação a partir do contato de novas experiências e formas de olhar para o corpo. Sem dúvidas isso mostra como experiências sensíveis de corpo não podem ser desvinculadas da formação inicial de professores(as) de Educação Física escolar uma vez que isso influenciará na forma como trabalharão o corpo em suas aulas e como enxergarão o corpo dos(as) estudantes.

Como futuro professor de Educação Física escolar, assim como os Sujeitos-Cores, durante a graduação, vivenciei mudanças na minha forma de olhar para o corpo, as quais refletiram na minha prática pedagógica durante os estágios. Levaram-me a enxergar

potencialidades da docência em Educação Física para ressignificar os saberes/vivências sobre o corpo. Desejo atuar com os(as) estudantes, guiado por este compromisso, para que, se algum dia, também ingressem em cursos de Educação Física, possam carregar em seus corpos um leque de experiências corporais diversificadas, humanizantes, criativas, sensíveis e inovadoras.

6. ALINHAMENTOS FINAIS

Imerso nos estudos e olhares para o corpo e corporeidade ao longo desta caminhada de Trabalho de Conclusão de Curso, do encontro com os discursos dos Sujeitos-Cores, percebo a importância das experiências sensíveis-corporais e do *SER CORPO* para a formação de professores de Educação Física. As vivências e experiências mais humanas de corpo permitem abrir os olhos para as questões que envolvem o espectro senciente e todas as marcas sócio-culturais que são inscritas de forma particular no corpo de cada um.

Entender que o corpo não é apenas algo mecânico e designado a repetir movimentos em busca de uma perfeição e padrão que não existe é entender que cada corpo é cercado por potencialidades e que anseiam por experiências corporais para que possam sentir-expressar-explorar cada uma dessas possibilidades. Isso é algo trazido pelos Sujeitos-Cores em seus discursos ao pontuar as experiências e abordagens humanas de corpo e os desvelos que cada uma delas trouxe.

Assim como aconteceu com os Sujeitos-Cores, eu, como futuro professor de Educação Física, encontrei-me com meu corpo e com minha prática pedagógica devido às experiências sensíveis-corporais que vivenciei ao longo da minha caminhada discente. Logo no primeiro semestre tive contato com diferentes formas de olhar o corpo na Disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física e, em especial, nunca esqueço quando meu olhar começou a mudar após uma atividade proposta na minha primeira aula do semestre pela professora que pediu para conceituarmos corpo, mente, alma e espírito.

Ainda na segunda semana de ingresso no curso tive a experiência do projeto De Corpos no Mundo e foi um momento de grandes descobertas com meu próprio corpo. Como visitante da exposição, eu enxerguei pela primeira vez com o meu corpo por inteiro, conseguindo tocar e ser tocado, percebendo a importância do sensível e das coisas que não costumamos sentir-enxergar. Ter me tornado bolsista do projeto por dois anos foi uma das experiências que me permitiu imergir nas temáticas do corpo e me interessar em entender a importância de experiências sensíveis-corporais porque percebi como somos atravessados e transformados pelos afetos e vivências de corpo.

Ao passar o período remoto, outras experiências corporais atravessaram-me na graduação. Minha participação no projeto Gymnarteiros, na Disciplina de Criação Coreográfica e no projeto Oré Anacã foram essenciais para que eu ressignificasse o que eu

compreendia como limites do meu corpo¹⁶. Apresentei-me em palcos, dancei sem medo e fiz figuras de ginástica que nunca imaginei conseguir. Ao ter um olhar mais sensível para a dimensão corporal e ao sensível, olhando para o espectro senciente do corpo, pude explorar a possibilidade de sentir-pensar-agir-ser corpo.

Tendo vivenciado todas essas experiências e olhares para o corpo, ao adentrar nos estágios supervisionados da Licenciatura, pude incluir propostas sensíveis na elaboração das minhas aulas, olhando e trabalhando com o corpo dos meus estudantes da forma mais respeitosa possível.

Assim, conforme levantado nos discursos dos Sujeitos-Cores ao longo do desvelar do fenômeno das experiências sensíveis-corporais, compreendemos que essas experiências mais humanas de corpo possibilitam a transformação da compreensão sobre o corpo e a forma como os graduandos em Educação Física - Licenciatura trabalharão o corpo dos estudantes em suas práticas pedagógicas. Percebe-se nas narrativas dos discursos dos Sujeitos-Cores a importância dessas experiências para desconstruir paradigmas sobre a própria Educação Física, colocando em foco a necessidade de trazer um olhar sobre o corpo que vá além do mecânico para a Educação Física escolar.

As experiências sensíveis-corporais evidenciaram uma Educação Física que olha para os aspectos biológicos e sensíveis do corpo de forma conjunta, como um todo, e revelam um ambiente escolar que ignora quase tudo o que for do corpo. É preciso que esse cenário seja transformado, e as experiências sensíveis-corporais são importantes por permitir que os futuros professores enxerguem essa realidade e possam agir sobre ela.

Ao analisar e investigar os desvelos do fenômeno das experiências sensíveis-corporais, eu as enxergo como um rico campo de possibilidades para (re)significar o que os futuros professores de Educação Física entenderão como corpo. As experiências sensíveis-corporais não são momentos de perda de tempo ou com um peso menor do que as disciplinas biológicas. Elas carregam a importância de abrir o olhar sobre o corpo, permitindo aos futuros professores ter a chance de levar o máximo de repertório corporal para seus estudantes. Conforme dito antes, isso é extremamente importante porque como pontuam Zylberberg e Reis (2022, p. 129): “As inscrições dos conhecimentos vividos estão no corpo, não somente nos pensamentos racionais”

¹⁶ Foi graças a essas experiências de corpo que eu desafiei limites que eu mesmo havia construído, por conta de experiências culturais, familiares e escolares, e fiz coisas que a minha versão que entrou no curso jamais poderia acreditar que seria possível.

Os resultados desvelados ao longo das análises ideográficas e nomotética revelam a complexidade das experiências sensíveis-corporais, mostrando que elas são importantes e precisam existir dentro da formação inicial de professores de Educação Física para que não sejam formados professores que irão exigir uma perfeição inalcançável ou olhar apenas para um padrão de corpo.

Afirmo aqui a importância das experiências sensíveis-corporais na formação de professores de Educação Física na formação não somente acadêmica e profissional, mas também na humana ao permitir que se possa enxergar a relação do corpo com o sensível e do corpo próprio com o corpo do outro. As experiências sensíveis-corporais são necessárias para que não se crie professores que enxergarão seus estudantes como máquinas.

A importância das experiências sensíveis-corporais é incomensurável. Quem sabe em um futuro próximo eu possa entrevistar os(as) estudantes destes futuros professores(as), que neste trabalho estavam na formação inicial. Então podemos celebrar um novo ciclo na e com a Educação Física.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019.

ARSLAN, Luciana Mourão. Corpo (Sentido) : Corporeidade E Estesia nos Processos de Ensino-Aprendizagem. 1.ed. – Uberlândia, MG : Regência e Arte Editora, 2020.

AZEREDO, Verônica Pacheco de Oliveira. O Corpo em Nietzsche a partir de uma leitura da ‘Genealogia Moral’. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2008.

CAMPOS, Priscila Figueiredo; SANTOS, Marilene de Cáscia Silva. Corporeidade e Educação Física: Os corpos que queremos educar. FIEP BULLETIN - Volume 84- Special Edition - ARTICLE I, 2014.

CHAGAS, José Soares das. O Dualismo Platônico frente à Ontologia dos Fisiólogos. Revista Homem, Espaço e Tempo, 2009.

COSTA, Abraão Lincoln. Considerações Nietzscheanas sobre o corpo: Uma perspectiva filosófica para além da Metafísica e do Fisicalismo. Pólemos, Brasília, vol.3 n. 5, jan-jul., 2014.

COSTA, Mackson Luiz Fernandes da; MELO, José Pereira de. Educação do Corpo: Um olhar multirreferencial para integralidade do sujeito. In: Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento. 18 anos de produção de conhecimento em Educação Física. José Pereira de Melo, Allyson Carvalho de Araújo (Org.). EDUFRN, 1ª Edição, 2023.

DAOLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. Papyrus Editora, 1995.

DAOLIO, Jocimar. Os Significados do Corpo na Cultura e as implicações para a Educação Física. Movimento - Ano 2 - N. 2 - Junho, 1995.

FERNANDES, Otoniel Carneiro; SILVA, Maria Eleni Henrique da Silva; ROCHA, Francisco Lucas Silva; NASCIMENTO, Romilla de Menezes. Confluências entre os Pressupostos Freireanos e conceito de Cultura Corporal do Movimento: Limites E Possibilidades Relacionais. In: Pressupostos Freireanos na Educação Física Escolar: Ações e movimentos para a transformação. Maria Eleni Henrique da Silva, Raphaell Moreira Martins (Orgs.). Editora CRV, 1ª Edição, 2020.

FERREIRA, A.; DA SILVA, E. L. 08. Sobre o Corpo: Uma trajetória da Physis ao Corpo Poético. O Percevejo Online, [S. l.], v. 3, n. 2, 2012. DOI: 10.9789/2176-7017.2011.v3i2.%p. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/1917>. Acesso em: 16 set, 2022.

FERREIRA, Maria Elisa Mattos Pires. O Corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. Ciências & Cognição. Vol 15 (3): 047-061, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Edições, Graal. 4ª Edição, 1984.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIVIGI, Luiz Renato Paquiela. O Modelo do Corpo na Filosofia de Espinosa e a Pedagogia do Comum: Conversas Com Quem Gosta De Geleia De Groselha. Revista Artes de Educar, v. 5, n. 3, 2019.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, Pensar, Agir. Corporeidade e Educação. Editora Papirus, 11ª Edição, 2008.

GRANDO, Beleni Salete; STROHER, Jonathan. Educação Física em Diálogo com os Saberes dos Povos Indígenas: Contribuições Epistemológicas. In: Educação Física Escolar e Justiça Social. Daniel Teixeira Maldonado, Maria Eleni Henrique da Silva, Raphaell Moreira Martins (Orgs.). Editora CRV, 1ª Edição, 2022.

JUNIOR, Edivaldo Góis; SOARES, Carmen Lúcia; TERRA, Vinícius Demarchi Silva. Corpo-Máquina: diálogo entre discursos científicos e ginástica. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 973-984, 2015.

LOBO, Huanderson Barroso; AGUIAR, José Vicente de Souza. Corpo-Mente, Afetos e Educação: Encontros Spinozianos. SciELO Preprints, 2021.

MEDEIROS, Eduardo Cavalcanti de. O corpo na obra de Michel Foucault. Departamento de Psicologia da PUC-RIO. (2010). Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ctch/psi/PSI-Eduardo%20Cavalcanti%20de%20Medeiros.pdf. Acesso em: 25 ago, 2022

MENDES, Cláudio Lúcio. O Corpo em Foucault: Superfície de Disciplinamento e Governo. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, 2006.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Cultura de Movimento: Reflexões a partir da relação entre Corpo, Natureza e Cultura. PENSAR A PRÁTICA 12/2: 1-10, maio/ago., 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Edição, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O Visível e o Invisível. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d' Oliveira. 4ª Edição, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade. 26ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. Revista Lusófona de Educação, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise Qualitativa: Teoria, Passos e Fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva, 2012.

MONTEIRO, Alessandra Andrea. Corporeidade e Educação Física: Histórias que não se contam na escola!. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, 2009.

MOREIRA, Wagner Wey. Formação Profissional na Área da Educação Física: O Fenômeno Corporeidade como Eixo Balizador. In: Educação Física, Corporeidade e Saúde. Manuel Pacheco Neto (Org.). Editora UFGD, 1ª Edição, 2012.

NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes; SOUZA, Tania Vignuda de; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos; MORAES, Juliana Rezende Montenegro Medeiros de; AGUIAR, Rosane Cordeiro Burla de; SILVA, Liliane Faria da. Saturação Teórica em Pesquisa Qualitativa: Relato de Experiência na Entrevista com Escolares. Rev Bras Enferm [Internet], 2018.

NETO, Manuel Pacheco. Educação Física Brasileira: A Corporeidade em Questão. Dourados, MS : UFGD, 2022.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; MOREIRA, Wagner Wey. Ser Professor (A) Universitário (A): O Sensível, o Inteligível e a Motricidade. Natal: IFRN, 2017.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago, 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corporeidades. Corporeidade... Inspirações Merleau-Pontianas. Editora IFRN. Natal, 2016.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CUNHA, Ana Maria de Oliveira; SAAD, Núbia dos Santos; SOUSA, Angélica Silva de. Algumas reflexões teóricas sobre a Fenomenologia e o Método Fenomenológico. Metodologias, Técnicas e Estratégias de Pesquisa: Estudos Introdutórios. OLIVEIRA, Guilherme Saramago de (Org.). Editora da FUCAMP. Uberlândia. 2021.

PEREIRA, Alessandro; MELLO, Alessandra de Fatima Giacomet; VANZUITA, Alexandre; BARBOSA, Ana Clarisse Alencar; SOUZA, Fernanda; DE MARCO, Greissa Leandra; MARTINS, Rudnei Joaquim; TRENTIN, Valeria Becher. Compreensão do Corpo na Perspectiva Spinoziana: Um Olhar Sobre A Educação Infantil. Revista Espacios, Vol. 38 (No 60). Pág. 17, 2017.

RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. Sociedade, Corpo e Cultura: A Materialidade e Formação Identitária na Perspectiva da Arqueologia Fenomenológica. OPSIS, vol. 7, no 8, jan-jun., 2007.

ROBINSON, Thomas M. As características definidoras do Dualismo Alma-Corpo nos escritos de Platão. LETRAS CLÁSSICAS, n. 2, p. 335-356, 1998.

SANTOS, Felipe Calleres Amaral do. A Unidade da Sensação em Aristóteles. Dissertação de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, 2019.

SANTOS, Lionês Araújo dos. O corpo na cultura e a cultura da 'reforma' do corpo. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30: 406-414; ISSN 1676- 8965, 2011.

DOS SANTOS, Ozilma Freire; REDYSON, Deyve. A Importância Epistemológica da Metodologia de Pesquisa nas Ciências Sociais. In: X Encontro de Extensionista da UFPB, João Pessoa, 2008.

SILVA, Ana Célia de Araújo da; ALMEIDA, Danilo Di Manno de. O Corpo na Formação Docente em Educação Física: do Mecanismo à Motricidade Humana. In: A Educação Física e seus desafios: formação, intervenção e docência. Dagmar Hunger, Samuel de Souza Neto, Alexandre Janotta Drigo (Org.). Editora CRV, 1ª Edição, 2020.

SILVEIRA, Fernando de Almeida; FURLAN, Reinaldo. Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia. Psicologia USP, 14(3), 171-194, 2013.

SIMÕES, Regina; PICCOLO, Vilma Leni Vista. Corporeidade e Motricidade Humana na Educação Física: Uma possibilidade de transcendência para a área. In: Educação Física, Corporeidade e Saúde. Manuel Pacheco Neto (Org.). Editora UFGD, 1ª Edição, 2012.

SINGULANI, Amanda M.; CUPOLILLO, Amparo Vila. O Olhar/Lugar do Corpo na Formação de Professores de Educação Física da UFRRJ. In: Formação de Professores de Educação Física: diálogos e saberes. Aloisio J. J. Monteiro, Amparo Vila Cupolillo (Org.). OutrasLetras Editora, 1ª Edição, 2011.

SPINOZA, Baruch. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Tradução de Tomaz Tadeu., 2019.

ZYLBERBERG, Tatiana Passos. Possibilidades Corporais como expressão da inteligência humana no processo de ensino-aprendizagem. Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ZYLBERBERG, Tatiana Passos; REIS, Wagner Júlio Sales. Epifanias ao Entardecer. In: tempo-sol. Francisco Silva Cavalcante Junior (Org.). Editora CRV, 1ª Edição, 2022.

8. ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado por LUCAS GABRIEL DE SOUSA LAURINDO, estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará, para participar da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Leia atentamente as informações abaixo e tire suas dúvidas, para que todos os procedimentos possam ser esclarecidos.

A pesquisa com título **“O IMPACTO DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS-CORPORAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA”** e tem como objetivo identificar e analisar os impactos das experiências sensíveis-corporais na formação de licenciatura em Educação Física e como essas mudaram a sua forma de enxergar o corpo e fundamentaram o olhar para a atuação como professores, orientado pela Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg. Dessa forma, a sua participação poderá trazer ajudar a entender a importância dessas experiências

A entrevista possui perguntas e deve tomar aproximadamente 20 a 30 minutos do seu tempo. As respostas serão coletadas por meio de gravação de áudio e serão utilizadas primeiramente de forma transcrita, havendo a possibilidade da reprodução em áudio de alguns trechos.

Os seguintes procedimentos serão respeitados:

1. Seus dados pessoais e outras informações que possam identificar você serão mantidos em segredo de modo que você pode indicar no momento da entrevista se sente-se confortável com a possível reprodução de suas falas;
2. Você está livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa sem sofrer qualquer forma de retaliação ou danos, bem como pular qualquer pergunta que não se sinta confortável em responder;
3. Os resultados gerais da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos e podem ser publicados em congresso ou em revista científica especializada.

Eu, _____, portador do RG ou
CPF _____, confirmo ter conhecimento dos termos e concordo
em participar da pesquisa.

Fortaleza, ____ de _____ de 2023.